

# ENCONTRO DE ANTIGOS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

3, 4 E 5 DE JULHO • 2015

## TEMPO DE ENCONTRO(S)

### SEXTA FEIRA • 3 DE JULHO

20H00  
**Jantar**  
Claustro dos Gerais  
Faculdade de Direito  
da Universidade de Coimbra

22H00  
**Espetáculo de videomapping**  
Paço das Escolas

### SÁBADO • 4 DE JULHO

11H00  
**Debate: Universidade de Coimbra  
e o seu papel no Mundo Global**  
Auditório da Reitoria

13H00  
**Almoço**  
Cantina Químicas

14H30  
**Programa Cultural: [Re] Visite a Alta**  
Palácio de S. Marcos

19H00  
**Concerto**  
Orquestra Clássica do Centro  
e Coro dos Antigos Orfeonistas da  
Universidade de Coimbra  
Palácio de S. Marcos

21H00  
**Jantar**  
**À mesa com a Infanta D. Maria**  
Chef Luís Lavrador recria refeição a  
partir do livro de receitas da Infanta  
D. Maria  
Palácio de S. Marcos

<http://uc725.uc.pt/evento/encontro-de-antigos-estudantes-da-uc>

**Inscrições e informações** [antigos-estudantes@uc.pt](mailto:antigos-estudantes@uc.pt)



### DOMINGO • 5 DE JULHO

**Manhã desportiva**  
Estádio Universitário  
da Universidade de Coimbra

16H00  
**Antigos Estudantes  
da Universidade de Coimbra  
oferecem espetáculo à cidade**  
Praça do Comércio

# RUA LARGA

UC 725 ANOS  
TEMPO DE ENCONTRO(S)

REVISTA DA REITORIA DA  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
NÚMERO 42  
MARÇO 2015

# RUA LARGA

**PROPRIEDADE**  
Universidade de Coimbra

**DIRETOR**  
João Gabriel Silva

**DIRETORA-ADJUNTA**  
Clara Almeida Santos

**EDITORA**  
Marta Poiares • rua.larga.uc@gmail.com

**DIREÇÃO ARTÍSTICA**  
António Barros

**FOTOGRAFIA**  
João Armando Ribeiro

**INFOGRAFIA**  
Henrique Patrício

**PRODUÇÃO**  
Luísa Lopes

**EDIÇÃO**  
Imprensa da Universidade de Coimbra  
Rua Oliveira Matos, 29  
3000-305 COIMBRA • PORTUGAL  
Telef./Fax.: 239 832 982/3  
Email: livrariaiuc@ci.uc.pt

**IMPRESSÃO**  
Empresa Diário do Porto, Lda

**TIRAGEM**  
18.000 ex.

**ISSN**  
1645-765x • Anotado no ICS

**CAPA**  
*Pátio das Escolas* © João Armando Ribeiro\_2015

www.uc.pt/rualarga  
rualarga@uc.pt • Tel. 239 859 823

**PONTOS DE VENDA**  
Loja UC  
Livraria Virtual: <http://lojas.ci.uc.pt/imprensa>

## **EDITORIAL**

*Scientiae thesauro mirabili cupientes  
Regna nostra ditare* - P.05  
*João Gabriel Silva*

## **REITORIA EM MOVIMENTO**

Encontros Improváveis e a Universidade  
Global do Futuro - P.08  
*Joaquim Ramos de Carvalho*

Sete e um Quarto - P.11  
*Clara Almeida Santos*

## **OFICINA DOS SABERES DOSSIÊ**

Universidade de Coimbra, 725 anos:  
Tempo de Encontro(s) - P.13

Caminho(s) com Sentido - P.14  
*António Barros*

## **IMPRESSÕES**

Anozero – Encontros de Arte  
Contemporânea de Coimbra - P.20  
*Carlos Antunes, Luís Quintais  
e Pedro Pousada*

1885-2015, 130 Anos de Antropologia  
em Coimbra - P.22  
*Sandra Xavier, Vera Marques Alves,  
Luís Quintais*

Universidade de Coimbra  
725 anos: Tempo de Encontro(s) - P.24  
*Luís Filipe Menezes*

Arquitetura e Turismo:  
A Anatomia de um Souvenir - P.26  
*Susana Lobo*

**RIBALTA**  
A Nova Vida do Colégio da Trindade - P.29  
*Aires Mateus*

O Instituto Jurídico  
no Colégio da Trindade - P.30  
*Presidente do Instituto Jurídico  
da Faculdade de Direito de Coimbra*

Recuperação da ala Norte do antigo  
Colégio da Graça - P.32  
*José Paulo dos Santos*

A Nova Vida do Centro de Documentação  
25 de Abril - P.37  
*Rui Bebiano*

**CIÊNCIA REFLETIDA**  
Ano Internacional da Luz - P.38  
*Constança Providência*

A Língua Portuguesa como Prioridade  
Estratégica - P.41  
*Carlos Reis*

**AO LARGO ENTREVISTA**  
José Quitério - P.44  
*Marta Poiares*

**RETRATO DE CORPO INTEIRO**  
João Gabriel Silva  
Faço, logo existo - P.52  
*Marta Poiares*

**CRÓNICA**  
725 anos: o que fazer  
nos próximos dias...? - P.56  
*Jorge Figueira*

**CRIAÇÃO LITERÁRIA**  
O mapa e os mapas - P.58  
*Pedro Jordão*

**LUGARDOS LIVROS**  
Especial Universidade  
725 anos: Tempo de Encontro(s) - P. 60  
Novidades IUC - P.61

**APOCALÍPTICOSE INTEGRADOS**  
Só os Paranoicos Sobrevivem - P.65  
*António Dias Figueiredo*

Integrado  
Tradição, a identidade  
de uma instituição - P.67  
*João Luís Jesus*





Reitoria da Universidade de Coimbra

## *Scientiae thesauro mirabili cupientes Regna nostra ditare.*

Há 725 anos atrás o Rei D. Dinis justificava desta forma a necessidade de criação do Estudo Geral em Portugal. Esse decreto de criação sobreviveu até hoje, e é um dos tesouros dos nossos arquivos.

Em português: “Desejando nós enriquecer os nossos Reinos com o tesouro admirável da Ciência”. Para o Rei D. Dinis os estudos superiores eram um decisivo fator de soberania. O conhecimento era um fator de riqueza, de desenvolvimento. Passados 725 anos, a missão da Universidade de Coimbra (UC) é a mesma: constituir um elemento central da soberania de Portugal, um mecanismo determinante do seu bem-estar económico, e um fator indispensável da harmonia social. Os caminhos a seguir é que são novos. O primeiro aspeto a ter em conta é que a UC já não detém o monopólio de que desfrutou ao longo de seis séculos. O segundo é que o mundo é global. Temos de ser capazes de mostrar aos candidatos ao ensino superior que vale a pena vir estudar para Coimbra, independentemente do país de origem e de residência.

A UC encarna perfeitamente o padrão clássico europeu: uma universidade de prestígio numa cidade pequena, afastada dos grandes centros populacionais, propícia ao estudo, à reflexão, à criação de laços indelévels entre os estudantes, formadores da personalidade e definidores de um percurso de vida. Coimbra é, sob

esse ponto de vista, a única cidade verdadeiramente universitária de Portugal. Temos por isso condições para levantar a cabeça e aceitar o desafio de atrair estudantes, professores e investigadores, de todo o mundo. Queremos ser uma Universidade Global.

As comemorações dos 725 anos teriam de refletir este desafio, e por isso a escolha do mote: “Tempo de encontro(s)”. A sua concretização reflete, por sua vez, a perspetiva global da UC. Queremos encontrar-nos com os países de língua portuguesa, que são as zonas do mundo onde a influência da UC mais se fez sentir ao longo dos séculos, aproveitando também a feliz coincidência de em 2015 se comemorarem os 40 anos de independência de vários países africanos de língua portuguesa. Não ficamos, no entanto, por aí: haverá encontros com todo o mundo.

A Semana Cultural reflete a importância desta efeméride alargando-se para além dos habituais dois meses, ocupando quase todo o ano, confundindo-se com as comemorações dos 725 anos da UC. Terá pontos altos no início de julho, coincidindo com as comemorações do dia da cidade de Coimbra, onde reuniremos antigos estudantes provenientes de todas as partes do mundo; inúmeros momentos em que será tratada a ligação de Coimbra aos países de expressão portuguesa; dezenas de concertos, incluindo o retomar de músicas do

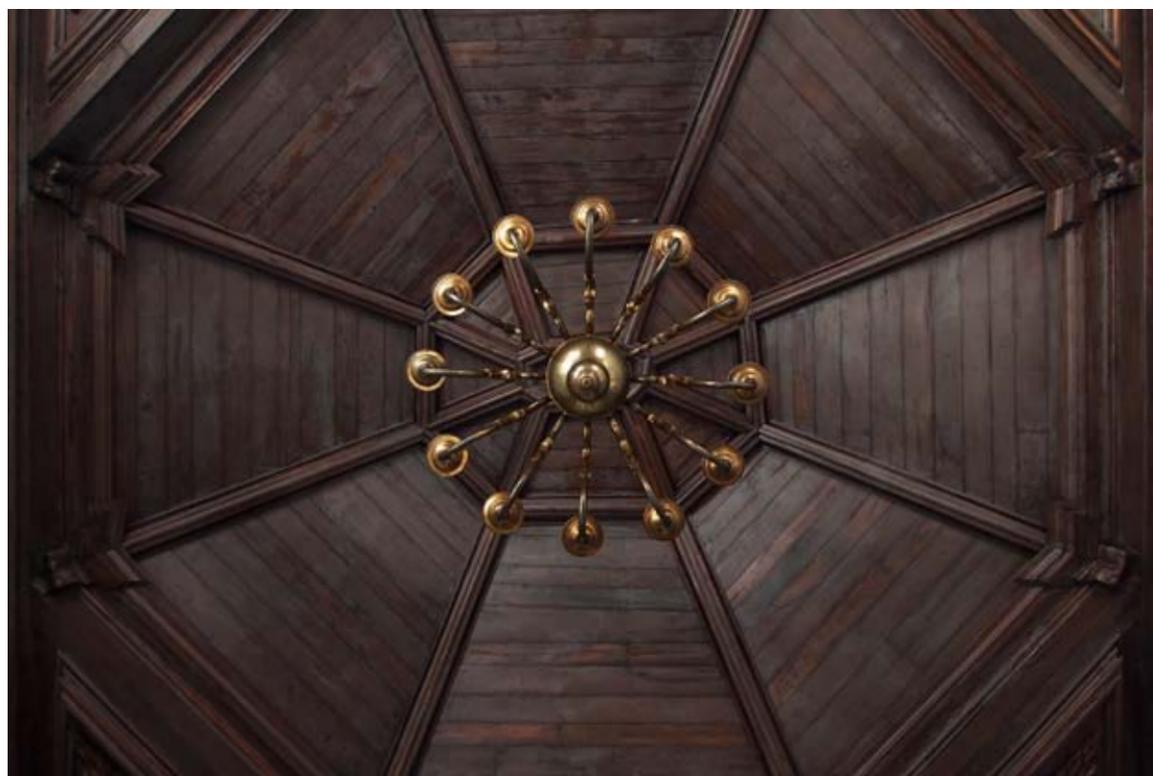
nosso acervo, que já não são tocadas há mais de três séculos; uma grande mostra de arte contemporânea: o «ano zero», simbolizando também o reencontro do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra com a Universidade, da qual, aquando da sua fundação, se havia demarcado esteticamente; culminando com um grande congresso em dezembro, coordenado por Carlos Reis, sobre a língua portuguesa. São mais de 150 eventos que dão plena expressão ao nosso orgulho perante o longo percurso da UC, e à humildade empenhada com que tentamos continuá-lo.

A comemoração dos 725 anos é também especial por ocorrer depois da classificação da UC, pela UNESCO, como Património Mundial. Apesar de ter sido uma das razões centrais para a atribuição dessa distinção, a nossa influência no mundo é-nos ainda pouco conhecida, e o seu estudo é uma tarefa para muitos anos. Por isso começamos as comemorações atribuindo, no dia 28 e janeiro, um doutoramento *honoris causa* ao grande historiador brasileiro José Murilo de Carvalho, que mostrou o papel decisivo da UC na formação do Brasil. O livro que contém o texto da sua conferência magistral e demais contribuições produzidas a este propósito será um dos momentos das comemorações com mais significado.

João Gabriel Silva  
Reitor



07



Pormenor do teto da Ala de São Pedro da Reitoria da Universidade de Coimbra

# ENCONTROS IMPROVÁVEIS E A UNIVERSIDADE GLOBAL DO FUTURO

JOAQUIM RAMOS DE CARVALHO \*

Coimbra sempre foi um local de encontros. A sua história secular é uma sucessão de fluxos, em diferentes topologias, que aqui trouxeram pessoas das mais diversas origens, proporcionando relações cujo impacto, se difícil ou impossível de medir, podemos com segurança afirmar que moldou ideias, afetos, pessoas, e através delas, a face do mundo.

As universidades são, pela natureza da sua missão, locais de encontro. Mas Coimbra é-o de um modo especial, que partilha com outras instituições que se desenvolveram simbioticamente com as cidades que as acolhem. A tradição europeia medieval de localizar universidades em locais afastados das capitais ou dos principais centros urbanos criou uma tipologia particular de experiência académica e de vida, que é o traço comum das universidades que fundaram o Grupo de Coimbra de universidades europeias.

Acresce que Coimbra cumpriu, durante um longo período de tempo, essa função de cidade universitária para além uma região ou um país. Coimbra foi, e é ainda, a cidade universitária da Lusofonia, um espaço a partir do qual a língua, o conhecimento e a cultura portuguesa se difundiu pelo mundo, como reconheceu a UNESCO ao atribuir-lhe a classificação de Património da Humanidade. Essa função de espaço de encontro das elites intelectuais que pensavam em língua portuguesa prolongou-se, em regime de quase monopólio, durante todo o período em que se dá historicamente o processo de globalização iniciado com as rotas marítimas consolidadas no início do século XVI. Isso marcou a universidade e o mundo.

Assim a Universidade de Coimbra (UC) tem na sua história, na sua matriz existencial, essa vocação de espaço de encontros de dimensão e impacto globais.

Mas esta vocação tem de ser continuamente renovada e evoluir face a novos contextos e desafios. No momento em que celebra 725 anos da sua fundação, a Universidade tem de refletir sobre o que significa ser um espaço de encontro(s) no século XXI, dentro do desígnio definido pelo seu Reitor para os próximos quatro anos: o de ser uma universidade global. Os novos contextos internacionais em que a universidade se move implicam um esforço renovado nas dimensões da valorização da diversidade, da sustentabilidade, da responsabilidade social global e da qualidade.

## A DIVERSIDADE COMO VALOR

A diversidade é um conceito que, nas nossas sociedades, é intelectualmente valorizado, mas raras vezes suficientemente refletido e avaliado na sua verdadeira realização.

Assume-se que a diversidade é um valor em si, pelas oportunidades que proporciona de expandir quadros mentais, sair das rotinas que geram confortos e visões limitadas da nossa missão. Sabemos que a diversidade da nossa população académica está a aumentar. No ano letivo 2008/2009, 65 países estavam representados na nossa população estudantil totalizando cerca de 10% dos estudantes. Em 2014/2015, temos 95 nacionalidades correspondendo a 15%. Este aumento não é só quantitativo, mas também qualitativo: aumenta a variedade de cursos frequentado e a tipologia dos estudantes, com um peso crescente daqueles que procuram obter um grau completo e, mais recentemente, a novidade de recebermos números significativos de estudantes fora de Portugal, saídos do ensino secundário, que aqui procuram o seu primeiro grau universitário.

A diversidade crescente coloca o desafio de responder a expectativas novas e diferenciadas. Esse desafio toca todos os setores da universidade, desde os serviços administrativos, aos serviços sociais e sobretudo no acompanhamento pedagógico e maximização do sucesso escolar. Implica, também, a internacionalização das práticas pedagógicas e, em certas áreas, dos conteúdos transmitidos, que se devem adaptar a uma comunidade de origem crescentemente internacional e cujos horizontes profissionais, independentemente da nacionalidade de cada um, serão sempre cada vez mais globais.

Valorizar a diversidade implica também ter capacidade de superar uma visão idílica da convivência multicultural. A intensidade dos encontros, se aumenta o potencial de valorizar a riqueza de uma diversidade crescente, também expõe com mais frequência estereótipos discriminatórios mais ou menos conscientes. Temos perante nós o desafio, já assumido pelo Senhor Reitor para o segundo mandato, de desenvolver de forma significativa os mecanismos institucionais de integração e valorização da diversidade, dentro da universidade e na sua envolvente imediata.



## ENCONTROS SUSTENTÁVEIS E EQUILIBRADOS

Um fenómeno que se tem acentuado nos últimos quatro anos é o diferencial entre a capacidade de atração de estudantes internacionais pela UC e a sua capacidade de internacionalizar os seus estudantes. A UC tem um saldo negativo relevante nos fluxos de internacionalização. Esse desequilíbrio atingiu o seu ponto mais alto no ano letivo de 2012/2013 quando os programas de mobilidade governamentais brasileiros tiveram um pico de intensidade: a UC recebeu cerca de três vezes mais estudantes internacionais do que os estudantes nacionais que tiveram uma experiência internacional fora da UC.

Desde daí tem havido um esforço articulado em incrementar a mobilidade *outgoing*, esforço em que os coordenadores Erasmus das faculdades e departamentos têm tido um papel fundamental. Se é certo que a importância da comunidade internacional em Coimbra permite uma experiência internacional relativa mesmo naqueles que aqui permanecem durante toda a sua formação, a verdade é devermos ter a ambição de ser uma universidade que proporciona a um número crescente dos seus estudantes a possibilidade de alargarem os seus horizontes fora dos seus espaços e que ativamente se preocupa com o equilíbrio e sustentabilidade dos fluxos de mobilidade internacional.

## RESPONSABILIDADE SOCIAL NUMA UNIVERSIDADE GLOBAL

Uma universidade global tem igualmente que assumir o seu papel de transmissão de conhecimento e difusão fora de portas.

A UC tem uma experiência considerável de transferência de saber para a sua envolvente regional e nacional e tem uma longa história de iniciativas e projetos internacionais neste âmbito. Mas só num passado recente passou a encarar de forma articulada as suas atividades em termos de cooperação, desenvolvimento e capacitação, em especial com entidades governamentais e académicas da esfera da lusofonia. As necessidades de qualificação de recursos humanos e as correlativas dinâmicas de desenvolvimento dos sistemas de ensino superior no espaço lusófono têm

criado oportunidades para ações significativas que têm envolvido a UC, em especial em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Brasil e Timor. Nos últimos dois anos esta área de atividade tem sido enquadrada com crescente otimização de processos e integração de informação na Divisão de Relações Internacionais. Neste ano de 2015, Ano Europeu do Desenvolvimento, temos que reconhecer que o caminho é ainda longo para que a frente de Cooperação e Desenvolvimento da UC esteja à altura das suas ambições globais e da sua história de instituição de referência para o desenvolvimento académico lusófono.

## A CENTRALIDADE DA INTERMEDIÇÃO E A ARTE DO ENCONTRO

Quantas vezes ouvimos aos estudantes brasileiros dizer que foi em Coimbra que ficaram a conhecer o Brasil e que aqui criaram amigos em todo o espaço continental da sua nação? Em janeiro de 2015, Murilo de Carvalho, historiador brasileiro, ensinou-nos como esse fenómeno, quase dois séculos atrás, ajudou a criar esse mesmo Brasil.

Uma frase que descreve bem o passado e o futuro da UC é o de ser “um lugar onde se encontra quem de outro modo nunca se teria encontrado”. Essa afirmação, aparentemente simples, significa não pouca coisa. Os cientistas sociais que se ocupam da análise de redes de interações humanas há muito definiram uma medida de centralidade designada de intermediação, que corresponde ao papel de um lugar ou pessoa em ligar pessoas que de outro modo não se relacionariam. Assim, a verdadeira centralidade relacional não se mediria pela quantidade de relações mas pelo carácter único dessas relações dentro do espaço de relações possíveis.

A arte dos encontros improváveis está no centro da nossa natureza como instituição. Assim foi no passado, continua a ser no presente e, com esforço e empenho, continuará a ser cada vez mais no futuro.

\* Vice-reitor para as Relações Internacionais e Mobilidade da Universidade de Coimbra

## sete e um quarto

CLARA ALMEIDA SANTOS\*

725 anos podem ser ditos em séculos: sete e um quarto. Parece que falamos das horas quando assim nos referimos a este tempo longo, marcante e marcado por histórias, personalidades e acontecimentos múltiplos. Um tempo atravessado principalmente pela contínua transferência de conhecimento – a ritmos variados, é certo, e como é próprio das instituições longevas – para a sociedade, missão inscrita no ADN das universidades.

Uma universidade (ou qualquer outra entidade) que dure tanto tempo tem, necessariamente, de se transformar para se manter válida e atuante. Mas essa dinâmica de necessária inscrição na contemporaneidade parece ficar, no caso de Coimbra, muitas vezes obscurecida pelo incrível peso da sua história. A comemoração dos 725 anos da Universidade proporciona o pretexto para um gesto ousado: afirmar o posicionamento paradoxal da Universidade de Coimbra (UC). Contra todas as regras do *marketing*, mas sendo fiéis ao que, de facto, somos.

Este encontro do passado com a véspera do futuro onde sempre nos situamos serviu de mote para o tema das comemorações dos 725 anos da UC – *Tempo de Encontro(s)*. Encontro (e vou repetir esta palavra muitas vezes até ao final do texto, pedindo desde já desculpa pelo abuso da figura de estilo), então, com a própria Universidade, a sua história pretérita e presente. O Pátio das Escolas constitui uma bela síntese do encontro – valorizando o património milenar e reforçando a carga simbólica do espaço, o Pátio reinventa-se com a novidade dos caminhos que se cruzam geométrica mas não previsivelmente. Caminhos que permitem encontros, circulações, e que estão associados à imagem

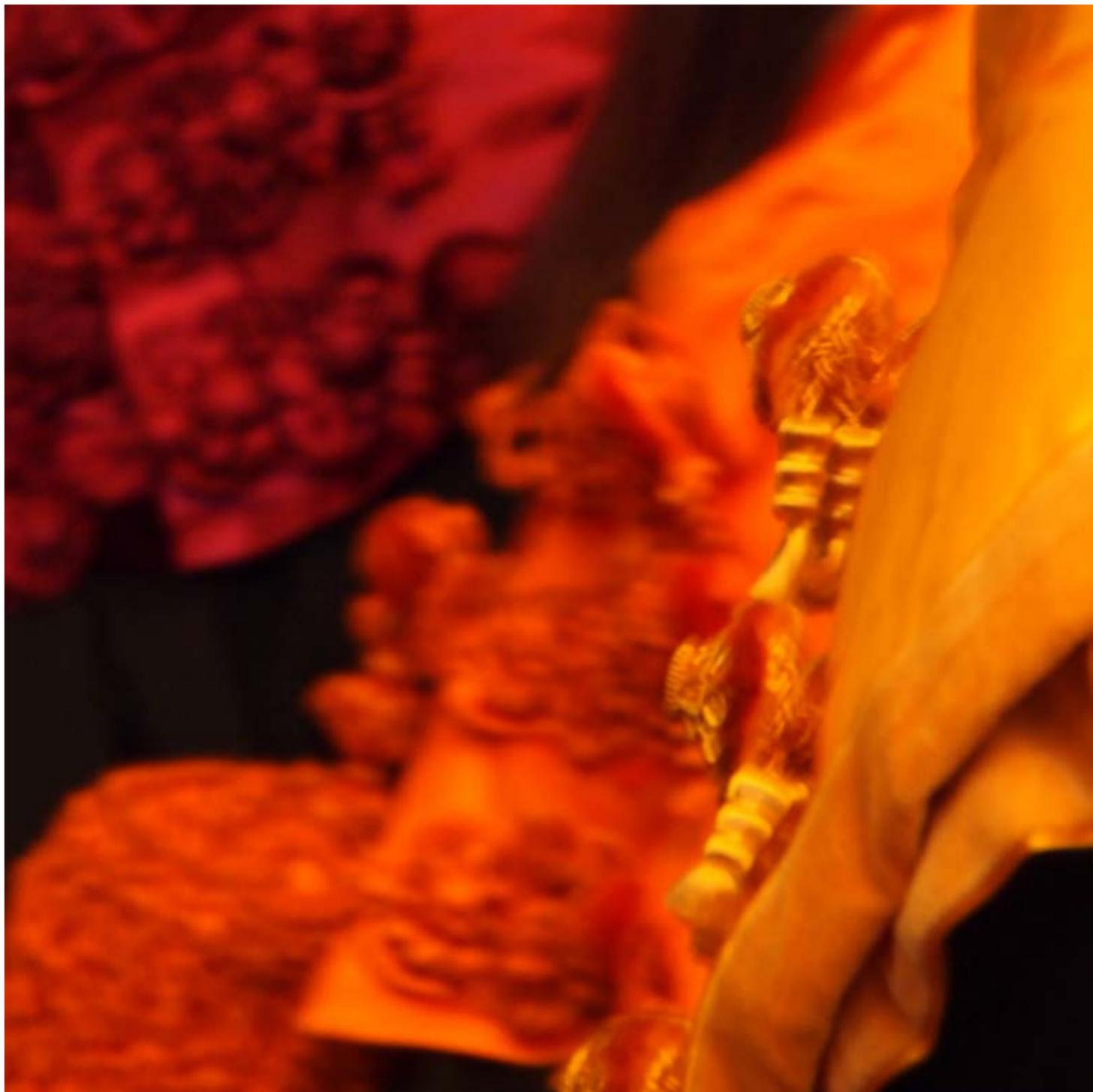
criada para estes 725 anos (o seu criador, António Barros, di-lo muito melhor num texto desta edição da *Rua Larga*).

Queremos materializar também muitos outros encontros. Por isso, a 17.ª Semana Cultural da UC está inserida nas comemorações dos 725 anos e com elas partilha o tema. Entre 1 de março e 1 de maio, encontramos a maior intensidade de iniciativas deste ano de celebração divididas em quatro grandes áreas: conferências e debates, espetáculos, exposições e oficinas. Mas ao longo do ano, até 4 de dezembro, haverá mais de 170 motivos para vir ao encontro da UC e de Coimbra. Toda a programação está disponível em [www.uc.pt/725](http://www.uc.pt/725), portal que não se limita a ser uma agenda porque através dele queremos contar histórias, com as cerca de 70 entidades que com a UC estão a produzir eventos. Este encontro com múltiplos agentes culturais e científicos é também um desígnio maior das comemorações. Estamos a trabalhar com a cidade, mas também com produtores nacionais e internacionais, destacando-se as parcerias com os países que falam português. 2015 é também ano de celebração dos 40 anos das independências dos PALOP e festejamos o património comum da língua, olhando para o hoje desses países.

Queremos com este programa prestar um justo tributo aos nossos 725 anos.

Cremos estar a fazê-lo.

\* Vice-reitora para a Comunicação, Cultura e Património da Universidade de Coimbra



# en·con·tro

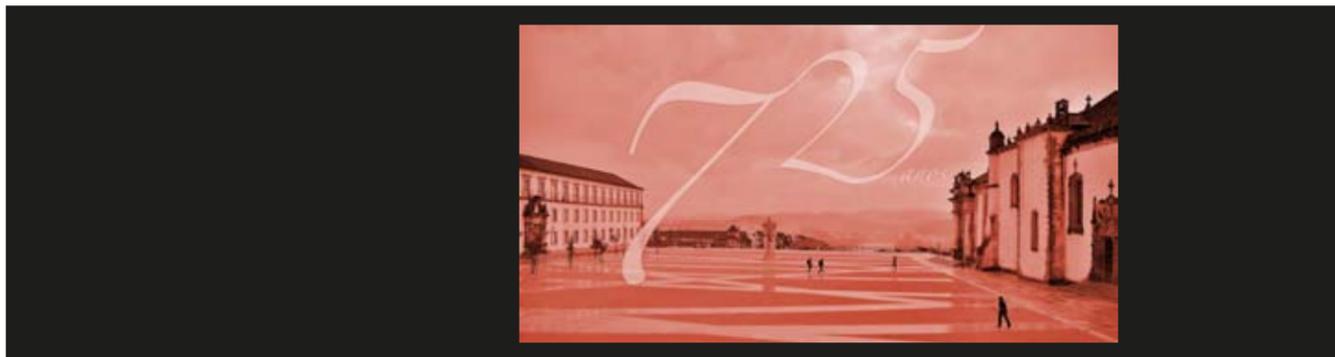
(derivação regressiva de encontrar)  
substantivo masculino

1. Acto de chegar até à pessoa ou coisa que se encontra.
2. Choque, colisão.
3. Recontro.
4. Conjunção.
5. Objecção, contradição, impugnação.
6. Compensação de contas.
7. Pegão em cada extremidade de uma ponte.
8. Cada uma das peças que mantêm firme o tear.
9. Parte do casco dos equídeos entre o talão e a pinça.
10. Parte da ferradura correspondente ao encontro do casco.
11. [Construção] Cada um dos maciços em que se apoiam os arcos extremos de uma ponte.
12. [Desporto] Jogo, partida.
13. [Ornitologia] Parte superior de cada asa da ave.
14. [Brasil] Confluência de rios.
15. [Brasil: Sul] Peito do animal entre as espáduas.
16. Nome de uma ave brasileira.

Por defeito – ou poesia – da etimologia do verbo que a faz ser, na palavra *encontro* cabem todas as definições. Até as opostas. Tal como em setecentos e vinte e cinco anos de Universidade de Coimbra (UC), por feito – ou virtude – do tempo que a constrói, cabem todas as memórias. Em *Tempo de Encontro(s)*, tema das comemorações de um aniversário redondo de número e significado, vestem-se os paradoxos de quem conta uma História maiúscula: o velho e o novo, o passado e o futuro, o próximo e o longínquo, o concordante e o discordante, o consolidado e o que está, claro, por construir.

Até quatro de dezembro, entrecruzadas com os eventos da XVII Semana Cultural da UC (com quem partilha o tema), vão estar por encontrar mais de 150 iniciativas, erguidas por mais de 60 entidades diferentes: conferências e debates, espetáculos e performances, exposições e oficinas. Todas com um pé atrás para dar um passo em frente. De encontro ao esquecimento e ao encontro da UC.

Conheçam a programação integral das comemorações dos 725 anos da UC em: [www.uc.pt/725](http://www.uc.pt/725)



Geografia de *Encontro(s)* é, e como lugar de *alma*, o presente Pátio – Paço das Escolas, antiga Praça de Armas do Palácio Real (oferta de D. João III para em definitivo ser instalado na Alcáçova o Estudo Geral). Aí, em homenagem a este “Protetor da Universidade”, reside hoje, em *arte pública*, a estátua do monarca (desenho de Francisco Franco). Escultura orientada com o *olhar vigilante* sobre a Via Latina, deixa em fundo um cenário cidade. Todo um lugar onde o rio desenha um *Caminho* aberto para o mundo. Para um soltar-se na paisagem – desenho de Liberdade num devir de Vida, convoca o traço uma experiência consequente: *Caminhos*.

A fazer respeito pela memória da Praça de Armas (por isso, e diligentemente, não ajardinado) o espaço apresenta-se hoje na malha pedonal desenhada por Gonçalo Byrne (onde o passado e o futuro dialogam num lugar depurado) como todo um suporte em enunciação de *Caminhos*. Plurais *Caminhos*.

O território Praça, ao resolver-se no que a narrativa dos tempos sempre convoca, afere de uma transição do lugar de armas para o depois espaço Ágora. Este, denominado na ideia portuguesa de Terreiro, resulta aqui como espaço público e de socialização: *Encontro(s)*. Terreiro é também, e nesta dinâmica de lugares de conjugação, o Terreiro do Paço. Ainda hoje a principal praça nacional, em Lisboa, antes também lugar ancorado na moldura de um palácio real.

Ao longo de séculos foram os terreiros portugueses lugares de comunhão, e é nesta morfologia dos terreiros que, em Coimbra, podemos ainda hoje encontrar na Baixa da cidade – zona onde antes surgiram muitos dos primeiros Colégios, na Rua da Sofia – o Terreiro da Erva, que foi, a seu tempo, lugar de partilha de estórias e palavras.

Se a Marca que aqui se infere surge na, e para a cidade, abraçando a comunhão da “Alta e Sofia” (território agora

classificado Património Mundial da Humanidade), ao desenhar-se na envoltura do Pátio da Universidade, *Terreiro do Paço de Coimbra* – como lugar alvo de novos *Encontro(s)* –, estabelece ainda um diálogo entre *Caminhos* múltiplos e os modos de os dizer.

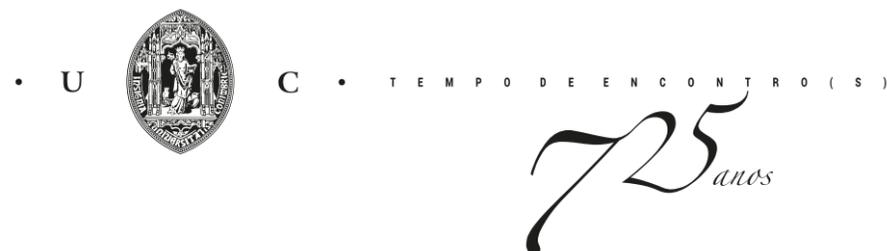
O mapa orgânico que a Marca 725 anos da Universidade de Coimbra (UC) no desenho enuncia, comunga com toda a narrativa diagramática que hoje o pavimento oferece de simbolismo. Pautiza assim, conjugando múltiplos tempos e linguagens, a ideia física dos diferentes e plurais *Caminhos* do, e para, o Saber. Ensina.

Nesta mesma paisagem de narrativas temos também a *Casa alta* (a mais alta da cidade), em forma de torre sineira, desenho do arquiteto italiano Antonio Canevari (em Portugal, quando D. João V o chamou para o empreendimento do Aqueduto das Águas Livres em Lisboa). Depois de na torre ter albergado os sinos, e fazendo residir no cimo o(s) relógio(s) a marcar o tempo, Canevari, no seu projeto, oferece-nos para Face (talvez) o rosto de um mocho. Esse voador, símbolo do aturado Estudo, que, em modo de ícone distintivo (como é a “Torre da Universidade”), se insinua.

Toda a Marca é um rosto a querer afirmar-se.

É neste arquipélago de referentes, cheio de múltiplos e convulsivos simbolismos, que a Marca aqui presente se gera, e sugere ela ao desenho exaltar os 725 anos da UC, quando quer a “Casa da Sabedoria” – neste Tempo, Tempo Hoje – ser *Temp(l)o de Encontro(s)*.

A Marca – “725 Anos da Universidade de Coimbra, Tempo de Encontro(s)” – procura, nos desígnios do design, fazer-nos *contemplar* com uma narrativa de comunhão conjugando diferentes tempos, geografias e culturas; credos, comunidades e civilizações. E é nesse querer de sinalização que a grafia se encontra, funde e



conjuga, resultando a nevrurgia numa peça única. Nesta experiência de *escrita*, o propósito seria criar uma Marca para um *(con)Temp(l)o* de Encontro(s) numa *Ágora de Celebrações*. Lugar onde se fizesse conjugar uma plataforma de oratórias formuladas por *pessoas reais*. As presentes, e as que dados os *feitos em memória* se inscrevem numa geografia contributiva da história da UC.

No domínio operativo, o sentido motor, que convocou esta *aula do risco*, partiu da dramatização consequente dos três dígitos que enunciam o arco temporal de vida da UC: 725. Sete séculos. E um quarto de século abrindo já gestação a um novo tempo. Um novo. Outro. Sempre o Novo outro. O devir.

Olhando a escrita grafada vemos que a sua narrativa caligráfica (e para além da performatividade da mão) procura, na soltura, libertar-se dos princípios da *letra de forma*, tudo para ganhar organicidade. Procura humanizar-se. ConVida. E a silhueta aí ganha (na sua tangível estilização) revela um corpo dinâmico que corre em flecha no desenho de Nice (a deusa alada símbolo da vitória na mitologia grega, a mesma que Victória para os romanos). Há toda uma jovialidade que aqui se enuncia neste braço em forma de asa a afirmar soltura. E assim, da vascularização fractal à orgânica escultura da palavra, conjugam-se verbos. Verbos múltiplos: os que exaltam motivos das ciências às artes, das tecnologias às Humanidades. E para isso dizer surge aqui como um afirmar de todo um corpo coreográfico. Dançante. Contorcendo-se com elegância como *estelas* no mar. Em astuto *caminho* eleva-se levantando o braço em ascensão como quem enuncia o devir de um norte. *Sinais de fumo*. Um querer. É todo um corpo que habita o lugar num movimento metamórfico, sempre num crescimento de si.

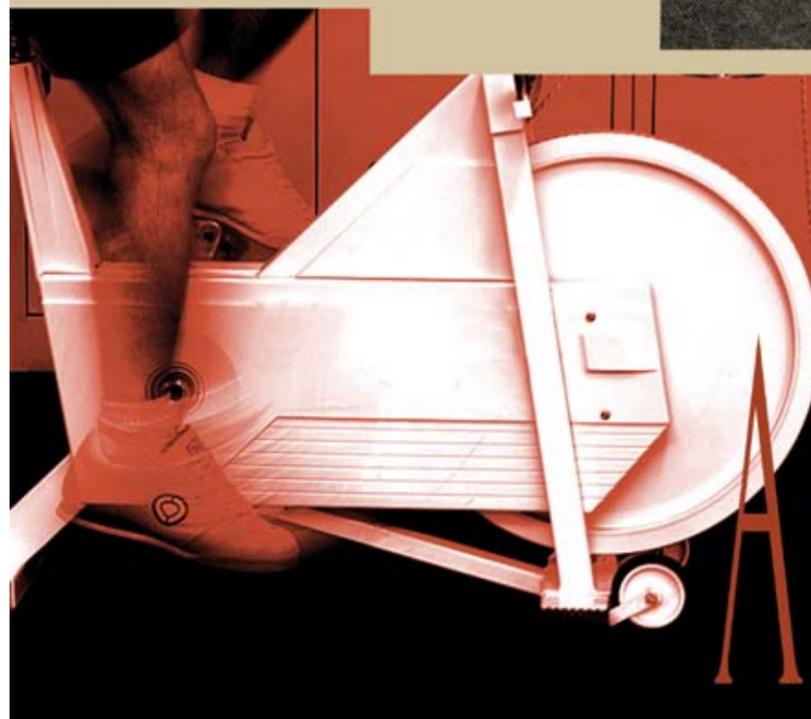
Esta Marca convida e retrata ainda o lugar. Assim, no desenho que as mãos alçadas no *encontro* (d)enunciam, temos

em *estelas* a escrita da aprendizagem no tempo. Tempo em que foi ganho o *caminho*. Lendo este mapa vemos como o enunciado dos sete séculos acolhe, no seu risco, *caminhos* diversos oriundos de lugares outros que logo se encontram e convergem num ponto Ágora. Esse que se costura com o nascer do seguinte, é um ponto de excelência simbolizando o lugar tempo onde na Escola se gera o Saber. A “escol(h)a certa” é lugar onde os *caminhos* se cruzam galvanizando experiências plurais. Este *andar* tem desenho de procura e ensaio. Questiona-se. Aceita o génio e o erro ensinante e inventor, conjugando assim o saber construído e a oportunidade. Depois deste andar convulso se ensaiar, cresce o sentido assertivo subindo na linha progressiva do pretenso vencedor.

Chegados ao supremo do traço navegável ele desenha-se aberto. Ao dirigir-se para sair da paisagem ele exalta o devir dos tempos que se advogam de busca de sentido para além de toda uma lucidez: “Happiness is a direction, not a place” (Sydney J. Harris).

725 é todo um desenho de *caminhos* de procura e *encontro*. De serena ousadia e determinação. Colhidos na humilde disponibilidade que a aprendizagem convoca, é todo um desenho de entrega e Missão. Entrega ao permitir soltar-se para um rumo gerado na condição de si: “Caminante, son tus huellas/ el camino y nada más;/ Caminante, no hay camino,/ se hace camino al andar./ Al andar se hace el camino,/ y al volver la vista atrás/ se ve la senda que nunca/ se ha de volver a pisar./ Caminante no hay camino/ sino estelas en la mar” (António Machado).

725, a Marca no seu desenho, é toda uma *navegação* para além do objeto de contemplação. Convite a uma *navegação* sempre. Dinâmica. Em crescendo. Sempre em crescendo. Nessa universal força marinheira. Identitária. Nossa, tão nossa. Líquida. Nesse puro desígnio. Em poética soltura. Como “estelas en la mar”. Estelas en la mar.



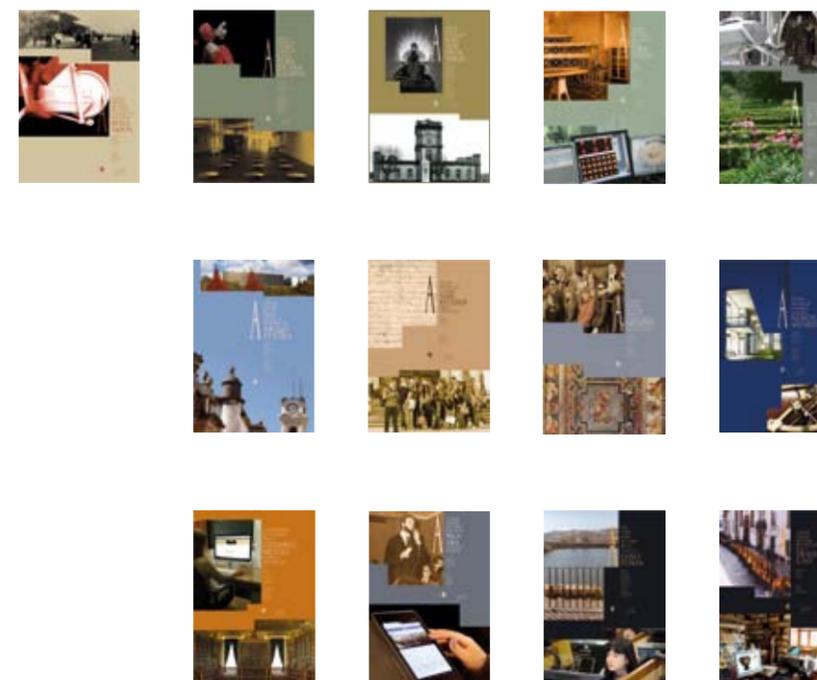
UNIVERSIDADE DE COIMBRA TRABALHA PARA OS MELHORES RESULTADOS

VÁRIAS GERAÇÕES DE ATLETAS TREINAM NO ESTÁDIO UNIVERSITÁRIO DE COIMBRA

OS ATLETAS DE ALTA COMPETIÇÃO RECORREM AO LABORATÓRIO DE BIOMÉTRICA DA LIC



## setecentos e vinte e cinco anos. sete e um quarto.



Duas maneiras de dizer o tempo da Universidade de Coimbra, tomando como seu momento fundacional o documento, assinado por D. Dinis, que evidencia a existência de um Estudo Geral em Portugal em 1290.

Em 1537, depois de itinerância entre Lisboa e Coimbra, a Universidade instala-se definitivamente em Coimbra. Até 1911 será a única Universidade em todo o mundo que fala português.

Durante este período passa por reformas em vários campos – pedagógico, ideológico, físico. Como todas as instituições marcadas pela longevidade, passa por inúmeras transformações.

Com o Estado Novo, surge o *campus* universitário que muda a face da cidade. No advento do século XXI, a Universidade estende-se para um segundo pólo II e já no novo milénio inaugura o pólo III, dedicado às Ciências da Saúde.

Nesta história de setecentos e vinte e cinco anos cabem muitas histórias num *continuum* de atividade e de necessária reinvenção.

Assinalar este tempo de encontro(s) – sete e um quarto – é assumir o risco de um posicionamento paradoxal da marca Universidade de Coimbra – profundamente antiga e marcadamente atual. Nestas páginas também em imagens.

# 18



A  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA FAZ BEM À SAÚDE



A UNIVERSIDADE DE COIMBRA É PIONEIRA NA PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE RADIOFÁRMACOS



AS PLANTAS MEDICINAIS DO JARDIM BOTÂNICO SÃO USADAS HÁ MAIS DE 200 ANOS PARA AULAS PRÁTICAS

75

# encontros de arte contemporânea de coimbra

# A N O Z E R O

CARLOS ANTUNES  
LUÍS QUINTAIS  
E PEDRO POUSADA \*

Anozero é um projeto do Laboratório de investigação do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC), com curadoria geral de Carlos Antunes, Luís Quintais e Pedro Pousada, e tem como momento fundador uma série de conversas com António Albertino, cidadão de Coimbra e uma referência entre os colecionadores portugueses de arte contemporânea.

O CAPC pretende desenvolver um conjunto significativo de iniciativas curatoriais em espaços de valor patrimonial da cidade de Coimbra. Essa dinâmica curatorial, que ingressará no calendário de programação do CAPC com uma periodicidade bienal, terá como designação “Anozero – Encontros de Arte Contemporânea de Coimbra”. Este será um projeto de trabalho que não só prosseguirá uma já longa e estudada tradição do CAPC na divulgação e montagem de eventos expositivos associados à cultura artística contemporânea, como será reflexivo da definição de um novo ciclo qualitativo a que o trabalho do CAPC tem estado associado nos últimos quatro anos e que pode ser aferido pela intensa e inusitada programação de mais de 50 exposições.

Será uma exposição multissituada com contributos curatoriais de alguns dos mais destacados artistas e curadores nacionais e internacionais, ocupando lugares relevantes da cidade, como a Biblioteca Joanina, o Criptopórtico de Aeminium, o Jardim Botânico, o Mosteiro de Santa Clara, o Museu da Ciência e o Convento de São Francisco que, com esta iniciativa, se apresentará ao público pela primeira vez.

O CAPC desempenhou um papel central em momentos decisivos da arte portuguesa dos finais do século XX, na medida em que foi, para inúmeros artistas que hoje definem e têm o seu protagonismo na cultura artística contemporânea nacional e internacional, uma primeira plataforma de experimentação e discussão de ideias e metodologias criativas. O CAPC foi o *agente provocador* – a “roaring machine” de Samuel Beckett – que impediu que a poeira da arte contemporânea se assentasse e se cristalizasse; esta iniciativa pretende, por isso mesmo, manter e aperfeiçoar essa sua condição. Com efeito, não só o CAPC foi um aliado institucional de muitos jovens artistas das décadas de 1970, 1980 e 1990 como, contrariando o dualismo do eixo Lisboa-Porto, deu uma nova centralidade ao centro do país, no campo dos saberes e práticas artísticas contemporâneas. Esta experiência de agenciamento e de problematização do campo artístico obriga a atual direção a explorar modalidades curatoriais que cumpram a finalidade de dar continuidade histórica ao *ethos* do CAPC, assim como concorram para uma integração compreensiva e produtiva da arte contemporânea no quotidiano da cidade de Coimbra e dos seus cidadãos.

A presença de Coimbra, através da sua Universidade e do complexo arquitetónico da Alta e da Sofia, no mapa prestigioso do Património Universal da Humanidade veio dar uma outra dimensão e urgência ao projeto que o CAPC se propõe desenvolver. De facto, constata-se que a cidade, apesar de possuir estruturas ligadas de um modo ativo e

continuado à cultura artística contemporânea (especificamente o CAPC e o Centro de Artes Visuais), carece de uma coleção de arte moderna e contemporânea ou de um centro cultural de ambição internacional, o que a tornaria um eixo fundamental no turismo cultural não só do centro do país, mas também do espaço geográfico que liga o litoral centro atlântico ao interior andaluz. A atual iniciativa não tem a pretensão de produzir as condições materiais para que esse potencial se concretize, mas tem como propósito organizar sinergias, sofisticar e aprofundar a experiência curatorial do corpo de profissionais que atuam no CAPC. Tenta, sobretudo, estabelecer um *network* de contactos internacionais junto de artistas, curadores, críticos de arte e instituições museológicas que credite – tal como aconteceu com os Encontros de Fotografia – a cidade de Coimbra não só como *thesaurus* linguístico e cultural da humanidade que pensa e fala em português, mas também como lugar onde as aporias e problemáticas da prática artística contemporânea são trabalhadas. A melhor forma desta cidade cumprir a sua dívida de gratidão para com as múltiplas gerações de modernidade que se definiram historicamente na urbanidade do fulcro Alta e Sofia é compreender que os conteúdos dessa experiência longa se preservam, fazendo-os regressar através do futuro. O Anozero não é apenas um começo ou um retomar do fôlego em relação àquilo que Coimbra foi – e está a ser – culturalmente; é

também um programa de ação para que a cidade, através das suas estruturas culturais, aprenda a construir uma época cultural atuante e transformadora. Como na interrogação de Baudelaire, poeta cujas obras chegavam a Coimbra no vapor e eram lidas e relidas pela geração de Eça, Fialho, Antero: “Conseguiremos ser grandes como Brutus?”. Conseguiremos reinventarmo-nos, ao ponto em que a posteridade olhará Coimbra não como a fiel e compassiva depositária das suas velhas glórias, mas como um lugar que transforma a experiência comprovada em experiência em ato? Que transforma a contemporaneidade, parafraseando T.S.Eliot, no “momento presente do passado”?

No contexto das intenções programáticas do Anozero, têm-se vindo a desenvolver esforços, conducentes à viabilização do projeto, que tiveram resultados positivos junto a figuras da economia local e nacional das quais destacamos o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, para a exposição sobre arquitetura contemporânea; a Construtora San José, para a construção da obra “Museu” de Francisco Tropa (que ficará como pertença permanente da cidade); o apoio da Jofebar para a edificação dos pavilhões de vidro que marcarão o território urbano e serão, numa fase pós evento, transformados em equipamentos a instalar no Jardim da Sereia, contribuindo, assim, para a sua regeneração urbana.

\* Responsáveis pela curadoria geral do projeto Anozero.

SANDRA XAVIER, VERA MARQUES ALVES, LUÍS QUINTAIS \*

Embora a emergência e a institucionalização da Antropologia em Portugal no final do século XIX esteja indiscutivelmente ligada à Universidade de Coimbra (UC), na qual foi criada em 1885 a primeira cadeira dedicada a esta área de estudos, esta raramente é incluída nas grandes narrativas sobre a história desta disciplina no nosso país, produzidas por antropólogos sociais e culturais desde 1974<sup>1</sup>. Como defende Ricardo Roque, “a Antropologia social e cultural nascida após a revolução de abril de 1974 tem deixado clara a sua distância em relação a anteriores gerações de antropólogos (sobretudo, na tradição da Antropologia física)”<sup>2</sup>, e a Antropologia em Coimbra tem sido, desde então, associada por tais antropólogos sociais e culturais, de modo equívoco e redutor, à Antropologia física, sendo, deste modo, excluída da história sobre os ciclos de renovação científica que a disciplina atravessou em território nacional. Por outro lado, alguns textos, recentemente publicados, que reinserem a Antropologia em Coimbra no centro da história da Antropologia em Portugal, apenas se centram na história daquilo que hoje se designa por Antropologia física<sup>3</sup>. Esta situação parece-nos francamente anómala e equívoca e mereceria, no contexto da efeméride que faremos celebrar durante este ano de 2015, correção e revisão crítica.

Estamos perante aquilo que Gonçalo Duro dos Santos descreve como uma tendência para projetar no material histórico a separação hoje dada como adquirida entre a Antropologia física e a Antropologia social e cultural<sup>4</sup>, ou face a um “desvio presentista”, como refere Ricardo Roque, recorrendo a uma expressão de George Stocking.<sup>5</sup> Esta tendência para projetar no passado as fronteiras disciplinares do presente caracteriza, aliás, ainda hoje, grande parte das narrativas sobre a história das diferentes disciplinas.

Em vez de se partir das divisões disciplinares atuais, pretende-se, com o conjunto de seminários evocativo dos 130 anos da Antropologia em Coimbra, procurar

perceber, em confronto com material empírico diverso, como estas fronteiras foram sendo historicamente formuladas e reformuladas. Não nos referimos aqui apenas à fronteira entre Antropologia física e Antropologia social e cultural, já muito discutida, embora nunca resolvida, como as observações que aqui tecemos denunciam, mas também às divisões disciplinares dentro da filosofia e da história natural, das ciências histórico-naturais e, posteriormente, das ciências biológicas, no âmbito das quais a Antropologia em Coimbra emergiu, permanecendo a elas associada pelo menos até 1992, altura em que foi criado um curso de Antropologia em Coimbra. Como é que o estudo dos “factos sociais e culturais” se integrou em Coimbra no estudo dos “factos naturais”, para lá de todas as supostas divisões que previamente poderemos assumir?

Para debatermos o modo como as fronteiras entre os saberes foram sendo constituídas e reconstituídas e como o estudo dos factos sociais e culturais permaneceu, ou não, associado ao estudo da natureza ao longo dos 130 anos de Antropologia em Coimbra, propomos, entre outras estratégias de investigação e análise, uma metodologia, hoje muito utilizada pela Antropologia, mas também por outras disciplinas: a de seguir a biografia cultural das coisas<sup>6</sup> ou, se quisermos, a de seguir a trajetória das coleções associadas ao ensino e investigação em Antropologia em Coimbra.

A pertinência desta estratégia torna-se clara se pensarmos que os professores da cadeira ou cadeiras de Antropologia foram, quase sempre, desde 1885 até à recente criação do Museu da Ciência da UC, os diretores, primeiro, da secção de *Anthropologia e Archeologia Prehistorica* do Museu de História Natural da Universidade, criada no mesmo ano que a cadeira de *Anthropologia, Paleontologia Humana e Archeologia Prehistorica*, e, posteriormente, do Museu e Laboratório Antropológico, levando-nos por isso a supor que a organização e reorganização dos saberes no âmbito

da história natural e das ciências biológicas de algum modo foi estando associada ao percurso destes objetos e coleções no interior da universidade e ao modo como eles foram sendo distribuídos e redistribuídos pelos seus diferentes espaços museológicos.

Falar dos 130 anos de Antropologia em Coimbra passa também por referir práticas, contextos e atores que não estão circunscritos aos limites da academia universitária. Ao seguirmos a biografia destes objetos e o modo como entraram nas coleções universitárias, veremos como eles foram frequentemente recolhidos, apropriados, exibidos, interpretados e utilizados por não académicos, como militares, missionários, comerciantes, administradores coloniais, médicos, arquitetos, entre outros, e, assim, e como defende Ricardo Roque<sup>7</sup>, poderemos, através de uma “história prática da Antropologia”, atenta aos contextos de produção e receção do conhecimento antropológico, recuperar todo um conjunto de “antepassados excluídos das linhagens tradicionais da Antropologia”.

Esta é globalmente a proposta que enforma o calendário de seminários que terá por objeto comemorar a efeméride e reiniciar uma discussão que nos parece decisiva para o futuro da Antropologia em Coimbra e reenunciar, também, o projeto antropológico neste século XXI. O conhecimento da história da Antropologia (nas suas diversões aceções nacionais e internacionais) é, sem dúvida, um dado central a uma melhor ponderação do futuro desta área de conhecimento. O calendário poderá e deverá ser consultado por todos os eventuais interessados junto da página digital do Departamento de Ciências da Vida da UC ([www.uc.pt/fctuc/dcv](http://www.uc.pt/fctuc/dcv)).

\* Professores do Departamento de Ciências da Vida da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

1 Veja-se, por exemplo, a secção Memória “Antropologia em Portugal nos últimos 50 anos” publicada recentemente na revista *Etnográfica* [online], vol. 18 (2) | 2014, colocado online no dia 09/07/14, consultado no dia 09/07/14

2 Roque, Ricardo, 2006, “Colonialidade equívoca: Fonseca Cardoso e as origens da Antropologia Colonial Portuguesa” in Sanches, M.R. (org.), *Portugal não é um país pequeno: contar o «império» na pós-colonialidade*, Lisboa, Livros Cotovia, p. 84.

URL : <http://etnografica.revues.org/3680>].

3 Ver Umbelino, Cláudia e Santos, Ana Luísa, 2011, “Introduction: A brief history and current state of physical anthropology in Portugal”. Para uma leitura mais abrangente e menos seletiva da história da Antropologia em Coimbra, ver Areia, Manuel Laranjeira Rodrigues de et al., 1985, *Cem anos de Antropologia em Coimbra*, Coimbra, Museu e Laboratório Antropológico; Areia, Manuel Laranjeira Rodrigues de, 1986, “A investigação e ensino da Antropologia em Portugal após o 25 de Abril”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.os 18-20, pp. 139-152; e Areia, Manuel Laranjeira Rodrigues de et al., 1991, “O museu e laboratório antropológico da Universidade de Coimbra” in *Universidade(s): história, memória, perspectivas*, Coimbra, Universidade de Coimbra, pp. 87-103.

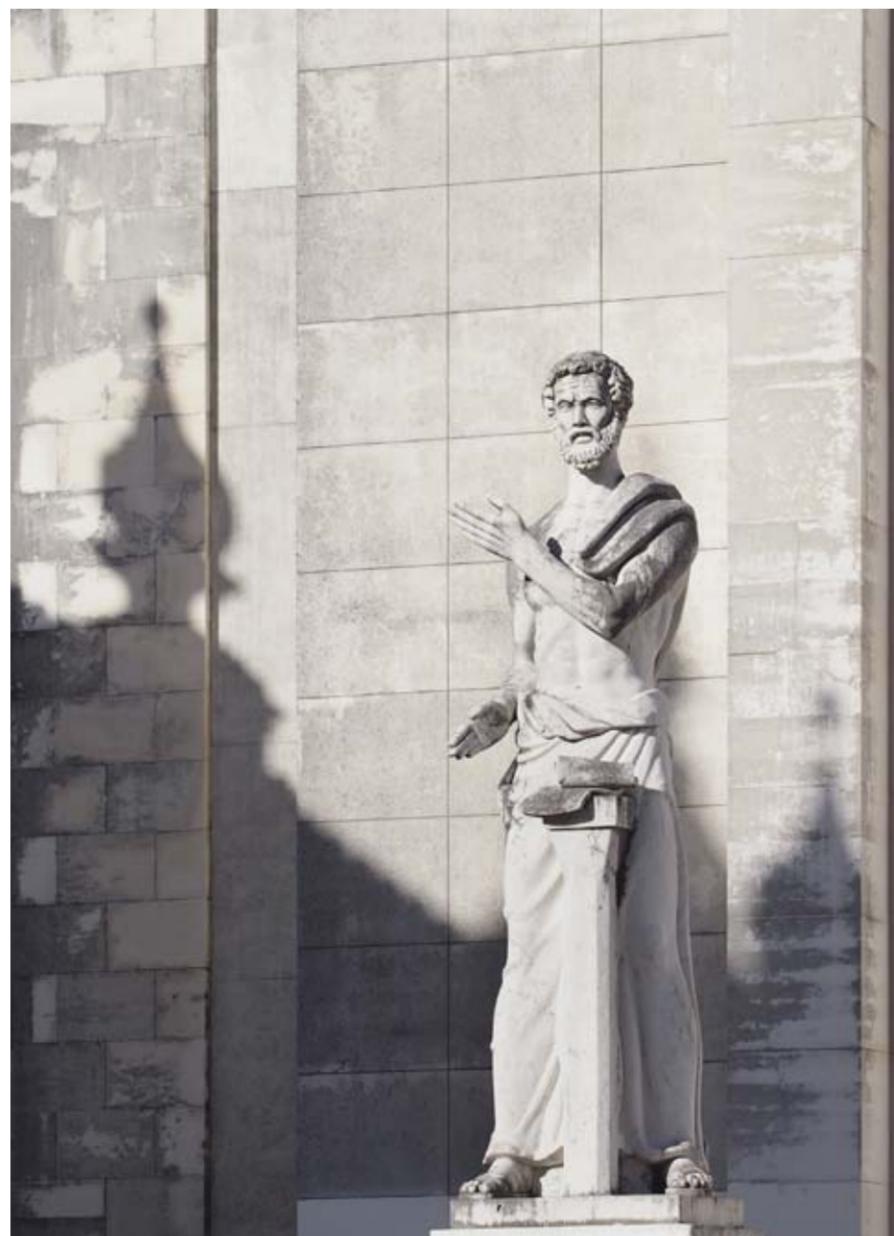
4 Santos, Gonçalo Duro, 2006, *A escola de Antropologia de Coimbra, 1885-1950*, Lisboa, ICS.

5 Op. cit.

6 Kopytoff, Igor, 1986, “The cultural biography of things: commoditization as process” in Appadurai, A. (ed), *The social life of things*, Cambridge, CUP, pp. 64-91.

7 Op. cit.

## universidade de coimbra 725 anos: tempo de encontro(s)



Escultura alusiva às Ciências Humanas da autoria de Barata Feyo  
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

1 de março de 1290 - D. Dinis funda a Universidade de Coimbra (UC). Já nessa época se perspectivava a importância das Universidades para o futuro dos países.

A UC ultrapassa largamente as fronteiras do território nacional, abrindo-se ao mundo com um prestígio inigualável construído ao longo de 725 anos e é, hoje, a universidade em língua portuguesa mais reconhecida além-fronteiras: sete séculos repletos de factos que influenciaram e continuam a influenciar o rumo da história de Portugal.

Os estudantes que por cá passam *levam-na consigo para a vida*. Embaixadores e divulgadores naturais da vivência académica, cumprem a missão que é a essência desta academia: contribuem para a consolidação da soberania assente no conhecimento.

Não seria contudo Coimbra tão peculiar, não fosse esta paixão intrínseca, inexplicável e inigualável, envolta numa mística centenária. Este fado que é canção retrata o sentir Coimbra: as lendas e superstições, as vitórias e as derrotas, as tristezas e as alegrias, as paixões e as serenatas, as farras e os chumbos, a praxe, elementos de uma identidade única que é vivida diversamente por cada estudante e que estabelece elos indestrutíveis para a vida.

*Capa negra de saudade;  
No momento da partida;  
Segredos desta cidade;  
Levo comigo para a vida;  
Sabes que o desenho do adeus é fogo;  
que nos queima devagar;  
E no lento cerrar dos olhos teus;  
Fica a esperança de um dia aqui voltar.*

António Vicente,  
“Balada da despedida do 5.º ano Jurídico”, 1988/89

São 725 anos repletos de estórias: estórias antigas ou contemporâneas, públicas ou privadas, políticas ou sociais, marcantes ou anódinas, estórias de todos e de cada um e que merecem ser contadas na primeira pessoa, por quem as viveu ou por quem as conhece melhor que ninguém. Dos espaços percorridos por D. Afonso Henriques às noites loucas dos anos 1990 no Centro Cultural D. Dinis, da prisão académica ao encerramento compulsivo da porta férrea, da sala 17 de abril ao azulejo da raposa, caminhos

e tempos da história da UC, estórias já contadas ou que ficaram por contar, revisitadas ou reinventadas, destinadas a quem as queira ouvir, seja por interesse histórico ou por simples curiosidade.

*7 séculos, 7 personalidades, 7 histórias*

De março a setembro, o “Projeto de Turismo da Universidade de Coimbra” abre ao público as portas da Universidade, proporcionando uma forma diferente de sentir a UC. No âmbito das comemorações dos 725 anos, convidamos personalidades públicas de áreas tão diversas como a política, as artes, a ciência ou o desporto, atuais ou antigos estudantes, habitantes de Coimbra ou apenas apaixonados por Coimbra, para anfitriões da visita à UC: o convidado conduz o visitante pelos espaços e assume o papel de guia turístico por um par de horas, levando-nos a conhecer a Universidade através do seu olhar particular. Trata-se de uma visita intimista, limitada a 30 pessoas, com as quais o convidado irá partilhar a sua história e a sua ligação à UC.

*Tempo de Encontro(s)*

O encontro com a história da própria Universidade para projetar o futuro terá um ponto alto nos dias 3, 4 e 5 de julho, altura em que se reunirão em Coimbra os embaixadores da nossa Academia.

Será um mega evento que promoverá um encontro com várias gerações de antigos estudantes, convidando-as a visitar a UC. O programa contempla um jantar nos Gerais, seguido de um espetáculo de *videomapping* no Paço das Escolas, no dia 3 de julho; o debate “A UC vista de longe” programado para a manhã do dia 4 de julho, decorrerá no Auditório da Reitoria, com a presença do Reitor e do antigo estudante Tiago Brandão Rodrigues, e será seguido por um almoço académico na cantina das Químicas; a tarde contará com vários programas alternativos de visitas guiadas aos diferentes espaços da UC, e a noite com um jantar de gala no Palácio de São Marcos e várias surpresas por revelar. No domingo, dia 5, prevê-se uma fervorosa manhã desportiva no Estádio Universitário, onde se reunirão velhas glórias do desporto academista, e ainda um almoço livre pelas “tascas” da Baixa de Coimbra, seguido de uma tarde com um espetáculo organizado pelas Associações de Antigos Estudantes da UC.

Encontro do passado com o futuro... 3, 4 e 5 de julho em Coimbra.

\* Vice-reitor para os Recursos Humanos, Novos Públicos, Antigos Estudantes e Turismo da Universidade de Coimbra

# arquitetura e turismo:

## a anatomia de um souvenir

SUSANA LOBO \*

Na sequência da classificação, em junho de 2013, da “Universidade de Coimbra: Alta e Sofia” como Património Mundial pela UNESCO, no ano letivo de 2013-2014, os alunos da unidade curricular de Arquitetura e Turismo do Mestrado Integrado em Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (UC)<sup>1</sup> foram desafiados a criar uma identidade visual para o novo bem classificado, a partir da conceção de um souvenir que o representasse. O objetivo foi o de refletir sobre o papel da Arquitetura na construção da iconografia turística, enquanto mecanismo de localização da experiência da viagem<sup>2</sup>. E, no sentido contrário, sobre o impacto do turismo na mediatização e consagração da produção arquitetónica, pela sua apropriação e divulgação sob diferentes meios e formas<sup>3</sup>. A mediar esta relação, o souvenir explora a dependência instrumental de ambas aquelas práticas culturais da capacidade de comunicação e de sedução das imagens, como produto em si, reproduzindo-as em massa para consumo corrente.

No entanto, o souvenir ultrapassa a sua estrita dimensão comercial de mercadoria. Objeto aparentemente fútil, sem qualquer valor material por definição, contribui para tornar tangível a memória/recordação de um evento, pessoa ou lugar<sup>4</sup>, adquirindo diferentes graus de significado em função da narrativa que lhe é associada por quem o possui. Nesse sentido, é, simultaneamente, banal e único, comum e exclusivo, e, talvez por isso, uma das expressões mais simbólicas da indústria do turismo.

Indústria do turismo que, nas últimas décadas, tem assistido a um crescente investimento na vertente dita “cultural”, estruturada em torno da trilogia educação, entretenimento e ambiente. Contexto no qual a história e a tradição assumem especial relevância, como recurso e fatores de distinção turística. O reconhecimento da UC como Património Mundial da Humanidade vem, conseqüentemente, implicar o reequacionar do discurso e das estratégias de valorização turístico-culturais até aqui implementadas, de forma a enquadrar esta nova realidade.

Pensar uma imagem para promover aquele universo faz, naturalmente, parte deste processo.

Conjugando o desenho com princípios de baixo custo e transportabilidade, os trabalhos apresentados testemunham o caráter dual do conceito de souvenir, situando-se entre o funcional e o lúdico, o banal e o simbólico, a baixa e a alta culturas. Da reprodução gráfica à miniatura, a escolha dos tipos de souvenir a desenvolver e dos temas a abordar foi determinada pela oferta existente e por propostas recentes, avançadas a nível internacional e nacional, que têm vindo a revolucionar o conceito tradicional de souvenir através do design e das novas tecnologias.

Os resultados, com um alcance que vai desde a T-shirt à joalharia, do postal pop-up ao modelo 3d, do caderno de viagem ao mapa de arquitetura, do íman de frigorífico à base de copos, do candeeiro ao Lego, são demonstrativos de como o olhar particular do arquiteto pode contribuir para este projeto, articulando conteúdos próprios das áreas disciplinares da Arquitetura e do Urbanismo com questões práticas de linguagem, composição e construção. A celebração dos 725 anos da Universidade é a oportunidade para mostrar estes resultados.

\* Professora Auxiliar Convidada do Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

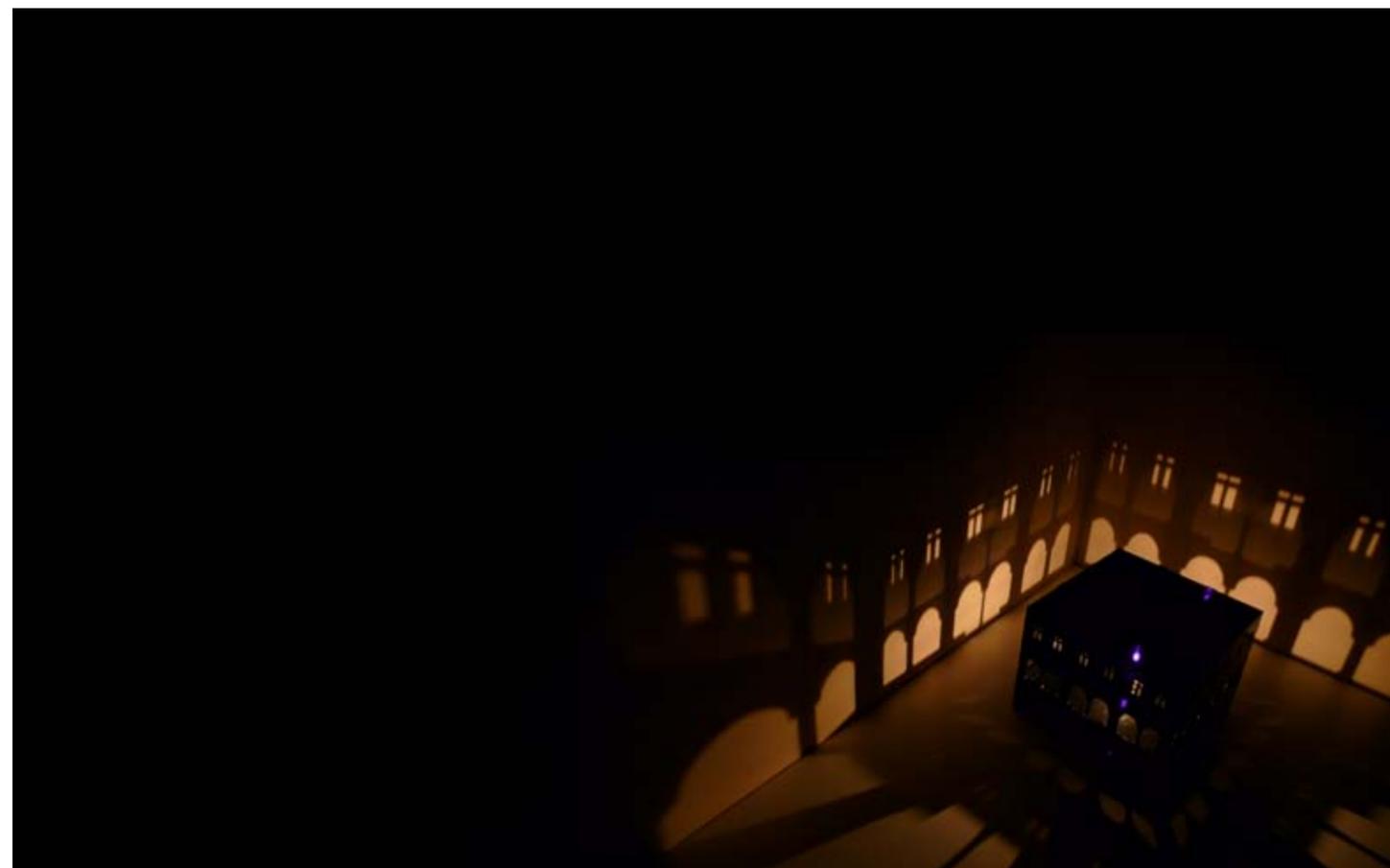
1 Neste primeiro ano a funcionar sob a designação de Território e Paisagem I e II, sendo que no primeiro semestre o trabalho lançado aos alunos foi a realização de um guia turístico, em papel, fundamentado no inventário dos bens materiais associados ao mesmo universo patrimonial.

2 Urry, Jonh, *The Tourist Gaze*, London, Sage Publications, 1990.

3 Bandeira, Pedro Jorge Monteiro, *Arquitetura como imagem, obra como representação: subjectividade das imagens arquitetónicas*, dissertação de doutoramento em Arquitetura, ramo do conhecimento de Cultura Arquitetónica, Guimarães, Departamento Autónomo de Arquitetura, Universidade do Minho, 2007 (disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/6878>).

4 Estévez González, Fernando, *Souvenirs y turistas*, El País (Suplemento Babelia), 18 agosto 2007 (consultado a 10/01/2015 em [http://elpais.com/diario/2007/08/18/babelia/1187391967\\_850215.html](http://elpais.com/diario/2007/08/18/babelia/1187391967_850215.html)).

Candeeiro “Claustros Diogo de Castilho” Armindo Almeida e Danny Almeida © fotografia Susana Lobo





# a nova vida do colégio da trindade

AIRES MATEUS \*

O projeto da futura Casa da Jurisprudência reabilita o Colégio da Trindade. Iniciado no séc. XVI, e tendo ao longo do tempo múltiplas utilizações que legaram cicatrizes, no romper do séc. XXI o seu estado de degradação era muito acentuado.

A intervenção no edifício urgia e o seu valor patrimonial exigia uma utilização pública. Entre a tipologia conventual original e a futura Casa da Jurisprudência, cria-se uma continuidade na apropriação dos espaços: a igreja é recuperada para auditório; o claustro funciona como generoso vestíbulo para as áreas de encontro; os gabinetes de trabalho compartimentam-se nas antigas alas residenciais.

Como premissa, o projeto parte do facto de que o edifício encerra o testemunho do fluir do tempo, cujas marcas constituem já parte da sua identidade. O estado de decadência a que o conjunto chegara era resultado de um processo de seleção natural, que teve a virtude de evidenciar os elementos primários da construção.

A intervenção pretende constituir-se como mais uma contemporaneidade e operar de forma distinta em função das realidades em presença: no piso de “embasamento”, proceder quase ao restauro puro; nos pisos superiores, recuperar os elementos que perduraram, introduzindo simultaneamente uma nova lógica construtiva.

Em termos de legado físico, apenas as espessas alvenarias argamassadas dos muros resistiram, apresentando-se como elementos de continuidade capazes de induzir o projeto. Este explora a enorme carga telúrica e poética de que estas ruínas eram portadoras, acentuando o contraste com a delicadeza da nova intervenção.

Tendo ruído os pisos elevados e coberturas em estrutura de madeira, é também a este nível que a proposta opera mais profundamente. Entre as fachadas remanescentes, constroem-se novos volumes, que repõem a geometria dos telhados; estes volumes apoiam-se pontualmente nas molduras dos vãos existentes na periferia, assim evitando

o contacto com as paredes e com o pavimento térreo. Esta afirmação inequívoca dos diversos tempos da construção pretende constituir, para além de um *modus operandi*, uma chave para a compreensão do edifício.

A estratégia construtiva reforça o conceito do projeto. Nas áreas de recuperação: o reforço de alvenarias portantes com materiais compatíveis, a reposição das cantarias existentes. Nas áreas de nova construção: a opção por elementos de construção de grande ligeireza e alguma reversibilidade, como estruturas metálicas e ligeiras.

Tornam-se legíveis os estratos dos diferentes tempos: o revestimento do exterior das paredes, em argamassa de cal, deixam decifrar empenos e toda a riqueza de elementos que as constituem.

A intervenção pretende reforçar a continuidade com o conjunto edificado da Alta de Coimbra. Utilizam-se preferencialmente os materiais do edifício ou das construções circundantes: a pedra, sólida e perene, e a tinta de cal sobre os paramentos exteriores, brancos e luminosos.

Enfatiza-se a relação, já existente, entre o plano da cércea do edifício e o privilegiado miradouro do Paço das Escolas. A feliz coincidência das duas cotas, aliada à reduzida largura da rua que as separa, faz da cobertura do Colégio um prolongamento natural daquela praça, ainda que não praticável. A nova cobertura é integralmente revestida a lajedo de pedra, dando continuidade visual ao pavimento da praça.

A leitura da cobertura, proporcionada pela orografia particular do sítio, é de resto reveladora das intenções do projeto. Introduzindo uma fenda contínua entre as novas águas e as paredes antigas, reconta a história do edifício, desde a fundação no século XVI até à reabilitação do século XXI.

\* Arquitetos responsáveis pelo projeto de reabilitação do Colégio da Trindade.

# o instituto jurídico no colégio da trindade

RUI MANUEL MOURA RAMOS \*

Instituído em Coimbra em meados do século XVI por iniciativa da Ordem da Santíssima Trindade para a Redenção dos Cativos, o Colégio da Trindade funcionaria integrado na rede de colégios universitários até ao advento do regime liberal, altura em que o seu património veio a ser integrado na Fazenda Real. Após esta data, e antes de, em finais do século XIX, serem afetas a instalações privadas, as suas instalações seriam ainda utilizadas por diversos serviços públicos e instituições de interesse local. É o espaço por elas ocupado que, devolvido à Universidade e objeto de significativas obras de melhoramento e renovação, acolherá num futuro próximo o Instituto Jurídico da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (FDUC).

Criado pela Reforma dos Estudos Jurídicos de 1911 com o objetivo de, seguindo experiências estrangeiras, “alimentar a docência com a investigação”, o Instituto Jurídico foi reconstituído em inícios de 2013, como unidade de investigação e desenvolvimento, ao abrigo dos novos Estatutos da FDUC. Procurando manter, nas circunstâncias que são as presentes, a ligação do ensino à investigação, o Instituto propõe-se organizar a investigação na Faculdade em linhas e grupos temáticos, fomentando a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade, promovendo o investimento em pesquisa aplicada e desenvolvendo a colaboração com centros estrangeiros de referência. Neste contexto, submeteu-se ao processo de avaliação das unidades de investigação e desenvolvimento lançado naquele mesmo ano pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, tendo sido avaliado com a nota de Muito Bom, classificação que foi a mais elevada a ser atribuída no domínio da Investigação Jurídica.

Para tanto, o Instituto Jurídico apresentou o seu projeto estratégico, centrado no lema “Desafios Sociais, incerteza e Direito”, à volta do qual procura vertebrar, no espaço temporal dos próximos cinco anos, a investigação a produzir pelos sete grupos por que se repartem os seus investigadores (o Direito e o Tempo; Vulnerabilidade e Direito; Risco, Transparência e Litigiosidade; Contrato e Desenvolvimento Social; as PME; Promoção da Inovação, Crescimento e Competitividade; Crise, Sustentabilidade e Cidadanias; e Globalização, Economia e Direito), e que se aglutinam essencialmente à volta de três linhas temáticas: Pessoa e Direito, Direito, Risco e Sociedade Técnica, e Transformação do Estado e Globalização.

O Instituto Jurídico procura, assim, afirmar-se como uma referência na investigação científica a nível nacional e internacional na abordagem científica pluralista dos principais desafios sociais no contexto de incerteza. O processo de construção do projeto estratégico permitiu estabelecer as principais linhas de orientação em que a investigação se tem vindo a desenvolver no âmbito do Direito, bem como uma reflexão global sobre o estatuto (metodológico, teórico e filosófico) atual do discurso jurídico como projeto cultural de natureza particular, simultaneamente situado no tempo e promovendo a sua contínua autorreinvenção para o cumprimento da sua específica intencionalidade. Concededor de que os novos desafios societários são problemas do presente, e de que o Direito, enquanto instituição cultural, está enraizado no passado, o Instituto está particularmente ciente de que a incerteza e a mudança constituem as características mais marcantes da vida contemporânea e que aquela amplia os problemas suscitados pelas alterações das estruturas sociais, económicas e políticas que transfiguraram dramaticamente o mundo nas últimas duas décadas.

É o desafio de participar intensamente no debate sobre esta temática que mobiliza as seis dezenas de investigadores que presentemente o integram, e a cuja ação importa ainda acrescentar a dos outros centros de investigação sediados na FDUC que dele constituem membros associados. Ação já iniciada com diversas iniciativas e realizações cujo objeto é marcado pela reflexão sobre os problemas da contemporaneidade e o seu reflexo na sociedade portuguesa como na ordem internacional. Iniciativas que, como no projeto Socialidade, Pobreza(s) e Exclusão Social (SPES), agregam simultaneamente vertentes de ensino, investigação e desenvolvimento.

É o cumprimento deste programa que animará a breve trecho os espaços do velho Colégio da Trindade, que partilha, aliás, com o Instituto Jurídico a condição de instituição que, sem esquecer o passado, se quer decisivamente voltada para a construção do futuro.

\* Presidente do Instituto Jurídico da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra

recuperação  
da ala norte  
do antigo

# colégio da graça

JOSÉ PAULO DOS SANTOS \*

O 25 de Abril é uma referência e modelo da modernidade recente Portuguesa. Inicialmente uma reivindicação – militar – de carreira, gerou posteriormente um movimento de “descompressão” da sociedade Portuguesa, com pressupostos de enorme generosidade, equidade e transparência sociais.

Conventos são, por regra, estruturas “úteis”, na medida em que não são “coisas” efêmeras ou que tenham utilidade ou vida curtas. Qualquer intervenção neste tipo de património deverá manter autónomo o protagonismo do que existe sem alteração do seu carácter. As intervenções no – neste – património devem ser feitas com serenidade e em “silêncio”, apesar dos conceitos e programas de intervenção e definição das suas execuções formais e materiais.

Aderir com simplicidade ao existente, entre acertos e consensos, com a razão, o brio e a gradual formação do gosto a *aconchegarem* o traço.

A qualidade material inerente ao espaço inclui cuidada avaliação de possíveis relações: eixos, alinhamentos, encontro de novo e velho. Todos os elementos disponíveis tratados indiferentemente, por vezes distorcidos pela adição ou subtração de materiais ou com *alibis* de último minuto.

As oportunidades de intervenção ainda existentes neste país – sem honerosas mais valias – devem ser aproveitadas para que o trabalho apareça bem aos sentidos e não apareça errado em relação ao sentido da realidade.

Conventos têm acolhido ao longo dos tempos programas funcionais dos mais variados: quartéis, albergues, armazéns, escolas, hospitais.

O Centro de Documentação 25 de Abril funcionará numa das alas do antigo Colégio da Graça, situado na baixa de Coimbra, na Rua da Sofia, partilhando o edifício com outras instituições públicas, nomeadamente a Liga dos Combatentes e a Polícia Judiciária Militar.

O edifício encontra-se em aparente bom estado de conservação, embora não possuindo infraestruturas técnicas e condições de conforto ajustadas aos dias e exigências de hoje e à especificidade do programa.

Um pátio interior de proporções iniciais ajustadas ao local e ao monte onde se adoça foi entretanto ocupado por uma ala em L, de valor arquitetónico e permanência no local questionáveis que, com o previsível esvaziamento e deslocamento da Polícia Judiciária Militar para local mais apropriado, se poderá – deverá - demolir.

Os espaços ritmados das celas do edifício do Colégio acomodam diferentes cenários de ocupação sem contudo lhes ferir o carácter. A sua tipologia confere enorme flexibilidade nos usos conforme sugerido pelas diferentes funções que este tipo de espaços tiveram ao longo dos séculos.

O que agora se propõe é, no geral, concordante com o enunciado no Programa Preliminar, reformulando-o, compondo-o, completando-o, corrigindo-o com as potencialidades encontradas dos vazios desocupados, ou a desocupar, evidentes nesta ala.

A proposta de ocupação dos espaços sugerida no caderno de encargos do concurso prevê a ocupação dos quatro pisos de forma não linear, sem daí resultarem, aparentemente, maiores valias funcionais ou espaciais para quaisquer das instituições interessadas na ocupação do edifício. Contudo, se o “centro de gravidade” do Centro de Documentação 25 de Abril se acomodar junto aos acessos de público, resultam maiores valias de gestão para ambos os inquilinos do edifício, incluindo, naturalmente, a Liga dos Combatentes.

A intervenção que se propõe reconhece – se porventura não reforça – a implícita autonomia formal da estrutura existente.

Dar um tempo às coisas que não é o delas ou dar formas que lhes escondam as funções é atitude promíscua que se evita. Porque para ser eficaz, a ironia deve ser usada com contenção.

## ABORDAGEM CRÍTICA AO PROGRAMA PRELIMINAR

Conforme sugerido no caderno de encargos do concurso “a atual distribuição dos espaços do antigo quartel da Sofia por várias instituições e entidades introduz um fator de descontinuidade na gestão do edifício. Seria por isso defensável que se destinasse o antigo Colégio a um fim único específico. Deste modo, seria também possível equacionar a utilização a dar ao conjunto de edifícios a nascente do Colégio e a todo o terreno que se prolonga, encosta acima, até à rua de Aveiro. A distribuição do programa de ocupação desta ala conforme o programa do concurso, exequível, provoca assimetrias funcionais, sem que a intervenção fique com um claro espaço charneira: público-privado.”



#### CRITÉRIOS GERAIS DE COMPARTIMENTAÇÃO A CÉLULA - (UNIDADE E REPETIÇÃO)

A proposta repõe a compartimentação de acordo com a célula tipo - com duas janelas autónomas de carácter por cela. A repetição desta unidade é a qualidade espacial intrínseca a este tipo de edifício complementado pela ampla galeria que a serve.

A proporção generosa destas células nos pisos superiores é um fator valorativo a preservar e implementar. É intenção do projeto tirar partido desta mais valia espacial não a disvirtuando no confronto com as exigências programáticas exigidas.

Se por um lado os conteúdos expositivos se adequam na perfeição a estas tipologias - como o demonstram os inúmeros museus, incluindo os que ocupam conventos -, já o mesmo não se pode dizer das funções complementares aos conteúdos como sejam, por exemplo, as instalações sanitárias.

A ocupação de uma só nave e de uma mesma tipologia de célula para albergar todo o programa - tão diversificado - obrigou a estabelecer regras base para a sua ocupação.

Partiu-se do princípio - inicial - de não tocar nas paredes e tetos, por forma a permitir sempre uma leitura total do espaço (célula) e suas proporções.

(Todas as funções são tratadas como objetos/móveis colocados no centro dos espaços, incluindo os armários/sanitários, não comprometendo em qualquer instância a tipologia da célula ou a versatilidade funcional adequada às exigências do momento.)

\* Arquiteto responsável pelo projeto de recuperação da ala norte do antigo Colégio da Graça.



## a nova vida do centro de documentação 25 de abril

RUI BEBIANO \*

A transferência do Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra (UC) para novas instalações, situadas na Rua da Sofia, cumprindo um velho anseio, alarga a sua capacidade para cumprir a missão que lhe está destinada e abre novas e estimulantes perspectivas de futuro. Criado em 1984 por despacho reitoral, o Centro cedo se viu confrontado com alguma dificuldade para albergar e acondicionar, num espaço amplo e único, o crescente volume de documentos sobre a história portuguesa da segunda metade do século XX – hoje a rondar já os quatro milhões – que ao longo de três décadas lhe têm vindo a ser confiados. A ocupação de um edifício nobre e localizado no coração da cidade de Coimbra como o Colégio da Graça, construído na centúria de Quinhentos mas agora inteiramente restaurado, modernizado e adaptado às novas necessidades técnicas e funcionais, dissipa em larga medida essa dificuldade, proporcionando novas possibilidades de crescimento e de diversificação dos serviços prestados.

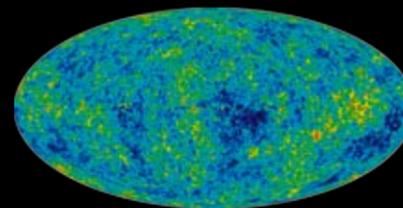
Desde a fundação que a principal missão do Centro, enquanto unidade de extensão cultural e de apoio à formação da UC, tem sido a de recolher, tratar, organizar e colocar à disposição dos investigadores, dos docentes, dos alunos e do público em geral um vasto e valioso acervo documental sobre a nossa história recente. No início, este relacionava-se quase exclusivamente com os antecedentes, a sequência e os resultados imediatos da nossa “transição democrática” (1974-1976), como período curto mas intenso cuja memória estava a dada altura em riscos de se dispersar. No entanto, atualmente abrange toda a segunda metade do século XX português, tomando a forma de um arquivo de dimensão nacional, internacionalmente prestigiado e imprescindível para a salvaguarda e a compreensão dos caminhos que a nossa vida coletiva das últimas seis décadas tem vindo a tomar.

Nas novas condições de funcionamento, essa missão poderá ser cumprida de uma forma ainda mais vasta e dinâmica.

Algo mais deve ainda ser acrescentado como uma mais-valia nesta nova fase da existência que o Centro de Documentação 25 de Abril vai cumprir no belo Colégio da Graça. Desde logo, será possível receber, em melhores condições de trabalho e de conforto, um mais amplo número de leitores. Poder-se-á também, em conjugação com a ampliação da sua equipa técnica especializada, que tão boas provas tem dado, organizar de um modo mais célere e eficaz os fundos arquivísticos, avançando para o tratamento e disponibilização pública de documentação que ainda não foi possível trabalhar de forma completa. Poderá ainda reforçar-se a ligação com instituições universitárias, centros de investigação, museus e outros arquivos, nacionais e estrangeiros, assim como com a própria cidade, promovendo atividades de interesse científico e cívico – como conferências, debates ou pequenas exposições – e oferecendo um interface capaz de atrair o interesse de uma parte da população de Coimbra ou de visitantes ocasionais, até agora pouco conhecedores dos tesouros que o Centro alberga e que pode revelar.

Uma vida nova espera o Centro de Documentação 25 de Abril da UC no espaço renovado, de paredes altas e brancas, que vai agora ocupar e dinamizar. Uma vida partilhada por quem nele trabalha, pelos que com ele colaboram, por todos os que o visitam para efeitos de trabalho ou pela pura vontade de saber. Com esta mudança, é também uma nova porta da nossa Universidade que se abre à cidade e ao país, ao seu passado partilhado e às suas dinâmicas.

\* Diretor do Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra



Radiação Cósmica de Fundo criada da acumulação de dados durante nove anos pela sonda espacial WMAP (Wilkinson Microwave Anisotropy Probe) Agradecimentos a: "Ilc 9yr moll4096" by NASA/ WMAP Science Team - [http://map.gsfc.nasa.gov/media/121238/ilc\\_9yr\\_moll4096.png](http://map.gsfc.nasa.gov/media/121238/ilc_9yr_moll4096.png). Licensed under Public Domain via Wikimedia Commons

Celebrar o Ano Internacional da Luz é reconhecer a importância da luz nas nossas vidas. É descobrir como as tecnologias baseadas na luz têm permitido encontrar soluções nunca antes imagináveis para os desafios colocados nas mais variadas áreas da ciência, como a Medicina, as comunicações, a energia ou a educação. É descobrir como estas mesmas tecnologias ou novas tecnologias baseadas na luz nos poderão ajudar a cuidar do futuro. Durante este ano, esperamos que as barreiras entre cientistas, políticos e público em geral se esbatam para que em conjunto se decida de que modo este saber pode ser utilizado no desenvolvimento sustentado do nosso planeta.

Quando falamos de luz, referimo-nos ao espectro eletromagnético completo, e não apenas à luz visível que os nossos olhos conseguem detetar: ondas de rádio, micro-ondas, infravermelhos, luz visível, ultravioleta, raios X, raios gama. O número de aplicações tecnológicas que utilizam radiação de algum destes comprimentos de onda é enorme. A televisão, a rádio, a rede sem fios – todos funcionam com ondas de rádio. Nunca foi tão rápido aquecer um pouco de comida desde que os fornos de micro-ondas foram inventados. Hoje em dia, já não sabemos o que era a Medicina antes da introdução de aparelhos de imagiologia médica que utilizam uma grande variedade de radiação, como os raios X numa Tomografia Axial Computorizada (TAC) ou os raios gama numa Tomografia por Emissão de Positrões (PET). Também os tratamentos em Medicina frequentemente recorrem a radiações: exemplos são os raios X e os raios gama no tratamento do cancro ou os infravermelhos em fisioterapia.

O laser é um bom exemplo de como a ciência pura pode entrar nas nossas vidas de um modo tão intenso: o leitor de códigos de barras no supermercado, a impressora

laser, o leitor de CDs ou as operações aos olhos. Em 1917, Einstein apresentou no seu trabalho teórico “Sobre a Teoria Quântica da Radiação” o conceito de emissão estimulada, processo que é a base de funcionamento do laser: ondas eletromagnéticas com a frequência adequada poderão estimular a transição de uma molécula de um estado excitado para o estado fundamental e emitir mais ondas, que vão reforçar as iniciais. O caminho desde a teoria à aplicação prática não foi direto e só em 1960 foi construído o primeiro laser. Mas foi a descoberta do laser semiconductor em 1962, laser díodo, que permitiu que o laser se popularizasse e pudesse ter as aplicações que lhe conhecemos presentemente.

A luz é também a nossa porta para compreendermos o Universo. Juntamente com a radiação emitida pelo Sol, que permite que haja vida no planeta Terra, chega-nos constantemente informação através da radiação emitida de todos os pontos do universo. Em 1965, dois radioastrónomos – Arno Penzias e Robert Wilson – descobriram que o sinal que detetavam no radiotelescópio não podia ter origem numa fonte bem definida no Universo, pois estava presente em todo o espaço na banda das micro-ondas: acabavam de detetar a radiação emitida quando o Universo tinha apenas 380.000 anos, memória dos tempos primordiais de um Universo que presentemente tem 13,7 mil milhões de anos. E nessa radiação conseguimos, com os instrumentos cada vez mais complexos que fomos construindo, encontrar as sementes das galáxias e estrelas que hoje observamos.

A descoberta do Universo exige a construção de equipamentos muito sofisticados, apenas possível envolvendo grandes colaborações, com participação de vários países e de muitos cientistas. Um exemplo disso é o telescópio ALMA, constituído por 66 antenas instaladas no deserto

# ano internacional da luz

CONSTANÇA PROVIDÊNCIA \*



Galáxias NGC 4038/NGC 4039: um par de galáxias em colisão na constelação do corvo. A imagem combina informação das observações obtidas com o ALMA e observações feitas pelo telescópio Hubble da NASA/ESA.

Autor: ALMA (ESO/NAOJ/NRAO). Visible light image: the NASA/ESA Hubble Space Telescope

# a língua portuguesa como prioridade estratégica

CARLOS REIS \*

Nos últimos tempos, têm-se repetido declarações programáticas que realçam a valorização da língua portuguesa como uma das prioridades estratégicas para a ação da Universidade de Coimbra (UC). Trata-se de uma orientação estimulada por evidências históricas: enquanto universidade mais antiga do chamado espaço da língua portuguesa, a UC é detentora de um capital de experiência e de intervenções formativas que não podem ser ignorados. Acresce a isto que é ainda (e sê-lo-á seguramente por muito tempo) muito forte a imagem da UC como referência emblemática no mundo universitário da língua portuguesa, em países africanos, no Brasil e certamente também em Timor.

Quando se assinalam os 725 anos da fundação da UC, estas questões reaparecem com naturalidade. Também por isso, a UC propõe-se organizar um grande congresso internacional que terá a língua portuguesa como fulcro de atenção e que se realizará no final do corrente ano. Sem prejuízo da divulgação que será feita, nos ritmos e nos calendários adequados, é já possível esboçar algumas balizas que orientarão, do ponto de vista programático, o aludido congresso. Contribuí-se, assim, para a definição de áreas temáticas que serão os seus eixos estruturantes. Nesse sentido, vale a pena reafirmar o lugar que a UC ocupa, como instituição universitária multissecular, no universo pluricontinental do nosso idioma: durante

muito tempo, foi na UC que se formaram as elites que prepararam e consolidaram a independência do Brasil; nos países africanos de língua portuguesa passou-se algo semelhante, sem se perder de vista, naturalmente, que foram diferentes e mais recentes os processos de independência dos estados que outrora integraram um império colonial.

Para além disso, importa ter presente que a língua portuguesa constitui um ativo cultural, político e educacional com lugar próprio, num mundo em que coexiste com outras grandes línguas de cultura. Vale a pena insistir nesta ideia de coexistência (não necessariamente pacífica), quando se sabe que é cada vez mais seletiva a dinâmica de institucionalização daquilo a que chamei *grandes línguas de cultura*: elas competem entre si e não há como escamotear que é assim mesmo que as coisas se passam, como se, também aqui, tivesse efetividade um agressivo processo de seleção das espécies.

Embora estejamos agora instalados no século XXI como sendo já o “nosso” século, é ainda tempo de pensarmos parte dele como um futuro em preparação. A situação da língua portuguesa no século XXI convida a uma reflexão que ajude a responder aos desafios que ela enfrenta nas próximas décadas; penso não apenas no trajeto histórico do nosso idioma, mas sobretudo nas exigências que são determinadas por transformações socioculturais, por

do Atacama no Chile, que resulta da colaboração entre Europa, Estados Unidos, Canadá, Ásia Oriental e Chile. Este equipamento irá detetar radiações com comprimentos de onda da ordem do milímetro ou sub-milímetro, e assim permitir estudar como se formam as estrelas e conhecer o Universo ainda jovem. A Astronomia tem sido, na verdade, um verdadeiro motor de desenvolvimento de tecnologias avançadas, como detetores ultrasensíveis de luz ou ondas de rádio e supercomputadores, no âmbito de grandes colaborações. Usar a Astronomia para tornar o nosso planeta um lugar melhor é uma missão que já foi iniciada no Ano Internacional da Astronomia e na qual se continuará a apostar durante o Ano Internacional da luz.

Através da luz, entramos não só nos segredos do muito grande como também do muito pequeno: com os microscópios, uma ferramenta essencial na investigação em ciências da vida, conseguimos ver o que de outro modo seria impossível. Por exemplo, o microscópio de duplo fotão é um microscópio que, utilizando técnicas de imagiologia por fluorescência, capta a imagem de um tecido vivo até uma grande profundidade. O conceito teórico em que se baseia este microscópio foi pela primeira vez descrito por Maria Goeppert-Mayer, prémio Nobel da Física em 1963, na sua tese de doutoramento de 1931. A absorção simultânea de dois fotões permite excitar uma molécula num processo muito menos provável que a excitação linear por um único fotão. Só a invenção do laser permitiu, 30 anos depois, verificar o fenómeno de absorção de dois fotões proposto por Maria Goeppert-Mayer.

Durante 2015, serão ainda comemorados vários aniversários científicos, a começar por 1015, associado aos Tratados de Ótica do árabe Ibn al-Haytham que viveu entre 965 e 1040, tendo feito contribuições significativas nas áreas da Ótica, Astronomia, Matemática, Meteorologia e

Visão. Com a sua abordagem à experimentação, lançou as bases do método científico e foi considerado o «primeiro verdadeiro cientista». Ibn al-Haytham é apenas um exemplo de um cientista da Idade de Ouro Islâmica que decorreu entre os séculos VIII e XV e formou a base do grande desenvolvimento tecnológico que, desde então, tem transformado o mundo.

Outras datas a celebrar serão 1815, quando a Teoria Ondulatória da Luz foi desenvolvida por Augustin-Jean Fresnel, e 1865, o ano em que James Clerk Maxwell publicou o seu trabalho «A Dynamical Theory of the Electromagnetic Field» onde, pela primeira vez, foram apresentadas as quatro equações de Maxwell essenciais à compreensão da propagação de qualquer sinal eletromagnético. Serão ainda celebrados os trabalhos de Albert Einstein sobre o Efeito Fotoelétrico (1905) e sobre a Teoria da Relatividade Geral (1915) que confirmou o papel central da luz na compreensão do espaço-tempo. A descoberta da radiação cósmica de fundo em micro-ondas por Penzias e Wilson em 1965 celebra 50 anos! São também de 1965 os trabalhos de Charles Kao, considerado o «pai das fibras óticas», pioneiro no desenvolvimento e utilização das fibras óticas em telecomunicações.

A luz será, durante 2015, o desafio que irá unir as pessoas na celebração das conquistas científicas e tecnológicas que transformaram as nossas vidas e que têm sido possíveis ao longo dos tempos graças à curiosidade humana e à colaboração entre as várias nações. Esperamos que seja também um tempo para refletir sobre o modo como estas tecnologias podem ser utilizadas para a construção de um planeta mais sustentável e de uma melhor qualidade de vida de todos os povos.

\* Diretora do Departamento/Coordenadora do Centro de Física da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra



Pormenor de estatuária da Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra

mutações científicas, tecnológicas e epistemológicas, por contextos políticos e por condicionamentos geolinguísticos muito diferentes dos que herdámos do passado. No quadro dessas transformações e da forma como as vivemos, no mundo universitário e fora dele, a língua portuguesa constitui um ágil instrumento de comunicação, de modelação de práticas culturais e de saberes vários, incluindo-se nestes o chamado conhecimento científico; abre-se, assim, lugar a indagações que, de forma prospetiva, se debruçam sobre os efeitos cognitivos, educativos, políticos e económicos das mudanças e das solicitações inerentes àquelas práticas culturais e à relevância social daqueles saberes.

Um aspeto a realçar: sem querer refutar (porque isso seria absurdo) o destaque planetário que o inglês conquistou, por ser uma língua fácil e, para mais, “facilitada” por razões políticas e económicas, digo que o nosso idioma não pode abdicar da responsabilidade de ser um veículo sofisticado de conhecimento. Não se trata de uma postulação nacionalista; trata-se tão-só de sublinhar uma noção fundamental: há conceitos, valorações, volições e imagens que, na passagem para uma língua franca, são inevitavelmente mutilados, por simplificação ou por distorção. E não é verdade que o conclamado mundo pluricontinental da língua portuguesa reúne uma vastíssima massa de gentes várias, com potencial para formarem uma comunidade científica com modo próprio de se exprimir?

Sendo praticamente obrigatório, num encontro como aquele que há de ter lugar na UC, o debate acerca da língua portuguesa como idioma de conhecimento científico completa-se com outros temas de análise. Penso nos desafios colocados pelo ensino da língua, associado ao ensino da literatura enquanto sua manifestação estética; na “reinvenção” da língua, na chamada sociedade da informação e nas rearticulações que a atingem na era digital e da comunicação em rede; no problema da sempre adiada política de língua, a equacionar inevitavelmente em função de uma realidade multinacional muito diversa da que há 50 anos existia; nas inovações que a língua protagoniza e nas incidências sociais, estéticas e comportamentais que ela envolve; no

potencial económico da língua, encarado quer em termos da sua intervenção direta na produção de riqueza, quer pela sua ligação indireta ao desenvolvimento da atividade empresarial, dentro e fora de Portugal.

Tudo isto concorre no sentido de acentuar a noção de que a língua é também um bem simbólico e parte do nosso património imaterial coletivo. Noto, entretanto, que a noção de *bem* se desdobra em dois sentidos: um sentido jurídico-económico, segundo o qual a língua é um ativo a preservar e a valorizar; um sentido ético-axiológico, que acentua no *bem* a sua condição de fator de enriquecimento humano, comunitário e identitário. Para além disso, referir a dimensão simbólica do idioma é reconhecer nele a capacidade para afirmar e legitimar significações, para funcionar como instrumento de integração social, de manutenção e de reprodução de uma ordem estabelecida. Por isso, falamos frequentemente no *poder da língua* e reconhecemos que quem a domina pode chegar a dominar o mundo. A História ensina que isso mesmo tem acontecido, às vezes sob o signo do excesso e da opressão política.

Recordo muito brevemente que, ao longo dos tempos e sob várias roupagens, os dois poderes que têm conduzido os destinos da Humanidade – o poder político e o poder religioso, não raro em regime de cumplicidade – têm recorrido ao poder complementar da palavra como instrumento de representação e de persuasão. Uma disciplina dos estudos literários e dos estudos linguísticos como a pragmática trata de analisar, em parte colhendo o legado da retórica, o potencial de transformação do mundo e de condicionamento dos comportamentos humanos que os atos discursivos encerram. E é com a consciência disso mesmo que os sistemas educativos cuidam (ou devem cuidar) do ensino da língua como etapa e componente estruturante da formação do sujeito, incluindo-se nessa formação a aquisição de instrumentos linguísticos e translinguísticos de modelização do mundo e de relacionamento entre os homens.

\* Professor do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

# 44

RL #42 | AO LARGO  
ENTREVISTA

# José Quitério

“Sempre senti  
uma premente  
necessidade  
de defender a  
gastronomia  
portuguesa”

© Fotografia: UC\_Paulo Amaral



## ENTREVISTA

MARTA POIARES

José Quitério fez da carreira a crítica da gastronomia em Portugal e da defesa da cozinha nacional a sua batalha. Estreou-se como cronista gastronómico no *Expresso* em 1976 e durante 38 anos serviu-nos o prato da semana: *À mesa com José Quitério*. Do primeiro ao último dia, teve como missão primária a defesa do leitor e como receita para a isenção, um código deontológico inquebrável. Por detrás da cultura do anonimato, revelou apenas a verdade e nada mais do que a verdade, descrevendo

sabores e cheiros que acredita manterem uma nação na História. De gostos simples, mas vocabulário erudito, não segue modas e rejeita qualquer influência, regendo-se pela certeza de que a riqueza culinária de um país brilha muito mais no génio anónimo do que em estrelas Michelin. O Prémio Universidade de Coimbra deste ano (re)pousa agora, por motivos de saúde, a máquina de escrever, mas deixa na memória – e nos seus seguidores – um estilo tão próprio como inesquecível.

**Comecemos pela *especialidade da casa*: como recebeu o Prémio Universidade de Coimbra (UC)?**

Inicialmente, achei que era uma brincadeira. Fiquei completamente estupefacto. Aliás, transmiti ao Senhor Reitor que achava que o Prémio estava a perder qualidades quando me escolheram (risos).

**Por que diz isso?**

Quando me disseram quem tinham sido os anteriores premiados, achei que fazia figura de menino entre os doutores, não é (risos)? Foi, de facto, uma surpresa extraordinária.

**Mas já tinha sido distinguido noutras ocasiões...**

Nada com esta relevância.

**Os prémios que recebia funcionaram, alguma vez, como alento?**

É sempre agradável receber esses prémios, não vou dizer que não. Mas nunca funcionei nesse sentido. Habituei-me a não receber elogios. Ainda sou do tempo de não haver nada dos meios comunicacionais modernos – havia cartas que se escreviam para os jornais. Nunca fui de receber muitas, apesar de me chegarem ecos de que era apreciado e de que tinha algum êxito.

**Aquando do anúncio do Prémio UC, as palavras do Reitor João Gabriel Silva reforçaram “o contributo que, através dos seus escritos, durante décadas, tem dado, nos planos cultural, histórico, sociológico, etnográfico e até, de forma indireta, económico, para a qualificação da sociedade portuguesa (...)”. É assim que se vê (n) o seu trabalho?**

Sempre me preocupei em não me limitar a dizer que tinha ido ao *tal* restaurante e que tinha comido *isto* ou *aquilo*, criticando em função disso. Sempre tentei enquadrar (n) um pouco de História e isso, por vezes, arrastava outro tipo de informação. Quando tinha espaço a sério, não fazia só crítica de restaurantes. Fazia artigos teóricos, ou aquilo a que chamava a *Teoria Geral da Gastronomia* (risos). Pegava em alimentos, situações, pratos, pessoas, centenários, evocações, etc., e tentava reunir a maior informação possível para transmitir aos leitores.

**Ir para além da Gastronomia?**

Sim. Não era celebrar qualquer pessoa ou qualquer coisa que me ocorresse.

**A comida tem muito a ver com a maneira de estar dos portugueses. Acha que a Gastronomia é património?**

Com certeza. Isso foi sempre algo que nunca perdi de vista. Basta debruçarmo-nos sobre a matéria para perceber que o nosso país, em relação ao seu tamanho, é um caso único de variedade. No fundo, a cozinha portuguesa é um conjunto dos vários mosaicos da cozinha regional, distribuídos pela velha divisão por províncias. É, de facto, um conjunto fabuloso.

**É especial?**

Tem características absolutamente peculiares. Cada província, ao longo dos tempos, foi criando os seus pratos, baseando-se nos seus produtos e na habilidade que o *génio anónimo* – porque receitas de autor, temos muito poucas – criou. A partir de uma altura, essas receitas passam a fazer parte do inconsciente culinário coletivo, evocando, de imediato, Portugal. Não há dúvida nenhuma de que é uma marca identitária.

**Considera-se, nesse campo, um defensor da identidade e cultura portuguesas?**

Sim, sempre senti uma premente necessidade de defender a gastronomia portuguesa. Quando comecei, não havia nada disto. Era um campo completamente desprezado. Os chamarizes com que se pretendia atrair eram de outra ordem: desde o monumento, até ao objeto de artesanato, ou à paisagem. Felizmente, houve uma mudança de mentalidade por parte dos responsáveis autárquicos e turísticos.

**Quando foi essa viragem?**

A partir dos anos 1980. Aí já se começou a pensar na identidade gastronómica como um grande atrativo. Houve algo fundamental, neste aspeto: a publicação, em 1982, do livro da Maria de Lourdes Modesto, “A Cozinha Tradicional Portuguesa”.

**É um livro-marco.**

É fundamental. As pessoas passaram a ter a que se agarrar. Absolutamente fidedigno, é, de facto, o código de toda a nossa cozinha provincial, regional, dos anos 1960 aos anos 1980.

**Recuando um pouco aos seus próprios marcos. Como chega à Gastronomia? Sei que a tropa esteve, de alguma forma, no princípio dessa ligação.**

Bem... Eu tive quatro anos, três meses e 15 dias de serviço militar obrigatório, com uma estadia prolongada em Angola – obrigatória, também. Estava sozinho e não passava o dia no quartel, não é? Então, e também por necessidade, comecei a procurar livros de cozinha credíveis e a querer cozinhar melhor.

**Que livros encontrou?**

Por exemplo, aquele que é, ainda hoje, um grande livro: “O Livro de Pantagruel”, de Bertha Rosa Limpo. Comprei a minha primeira edição – a 27.<sup>a</sup> do livro – precisamente, em 1969, no ano em que fui para Angola.

**Deu-lhe a resposta aos porquês?**

Com certeza. Em termos de qualidade e não só. Primeiro, se uma receita está ali registada, merece confiança.

Segundo, porque “O Livro de Pantagruel” já tinha, nessa altura, notas laterais, com informação paralela ao modo de fazer. Não era um catálogo de receitas. Era algo explicativo e com uma certa riqueza, já.

**Que outros livros (o) marcaram a Gastronomia, nesse sentido?**

O primeiro livro de Gastronomia de um autor português, que é o “Volúpia – a Nona Arte – a Gastronomia”, do Albino Forjaz de Sampaio, e um livro interessantíssimo, que vai para além das receitas. Depois, em 1944, saiu um outro livro de um antropólogo brasileiro, Paulo Duarte, o “Variações sobre a Gastronomia”, também um manancial de informações extraordinário.

**São livros que foram estudados a fundo, por si?**

Lidos com muito interesse, sim. Mais do que uma vez.

**Foi nessas páginas que percebeu onde estava o seu futuro?** Foi aí que se abriram os horizontes. A partir de determina-da altura, o meu dinheiro gastava-se em livros.

**E como passou de ler a *escrever* esse futuro?**

Bem, quando regressei da tropa frequentei a Faculdade de Direito de Lisboa. Fiz uma cadeira ou duas, mas, entretanto, achei que não iria acabar o curso.

**Porquê?**

Fundamentalmente, porque não gostava daquilo. E então pôs-se o problema do emprego. Foi assim que entrei para o jornal *O Século*, onde entrei em agosto de 1973 e permaneci até fechar, em 1980.

**E começou logo pela crónica?**

Não, isso foi só depois, em 1975, numa revista chamada Tilt, um projeto ambicioso, na altura. Durou apenas meia dúzia de números.

**E como passa d’*O Século* ao *Expresso*?**

O *Expresso* queria, no verão de 1976, um especial de viagens em cada número: cada edição tinha uma página dedica-da a uma província portuguesa, onde várias pessoas eram convidadas para escrever sobre os diferentes atrativos que o leitor do *Expresso*, neste caso, viajante, podia encontrar. E é nessa altura que me convidam para escrever sobre as comidas características desses lugares. Na altura, fiz tudo à base de informação bibliográfica.

**Depois dessa série, é convidado pelo diretor do *Expresso*, na altura, Francisco Pinto Balsemão, para algo mais substancial.** Pouco depois, sim. Fui convidado para criar a coluna de Gastronomia do *Expresso*. Começou por ser só sobre res-taurantes. Mas depois, ao longo dos anos, fui alargando o âmbito, conforme o espaço que tinha.

**Até aos anos 1970, ninguém escrevia sobre restaurantes, como ainda há pouco referiu.**

Não. Havia apenas uma exceção: o Luís de Sttau Monteiro, sob o pseudónimo de Manuel Pedrosa, que escrevia “A Melga no Prato” num suplemento d’O *Diário de Lisboa* chamado “A Mosca”.

**Pouco tempo depois, surgiram outros.**

Muito pouco depois, surgiu, por exemplo, o “D. Pipas”, n’ *A Capital*, assinado por Hélder Pinho.

**Sente que, de alguma forma, criou uma profissão que não existia em Portugal?**

Não. Era uma profissão que teria de aparecer. Bastava ler os jornais e as revistas internacionais. Na altura, o *L’Express*, o *Le Point*, o *Figaro*, o *L’Humanité*, etc. tinham todos secção de Gastronomia.

**Mas em Portugal...**

Não, em Portugal, realmente, excetuando o caso do Sttau Monteiro, nenhum tinha. Mas era inevitável que, mais tarde ou mais cedo, comesassem os outros jornais também a ter. Não abri nenhum caminho novo.

**Mas criou um estilo. Por exemplo, saboreava os prazeres no anonimato. A crítica impunha essa distância?**

Na minha opinião, sim. Desde que comecei, elaborei para mim próprio as minhas *normas deontológicas*, que respeitava em absoluto.

**Porquê?**

Porque o país é muito pequenino e as tentativas de influência são tramadas. A primeira regra era, claro, esse anoni-mato. Nunca marquei uma mesa em meu nome. Às vezes, pedia a pessoas para marcarem no nome delas, ou usava os meus nomes do meio.

**E era discreto.**

Inicialmente, nem era muito, porque tomava notas. Mas tudo se tornou mais fácil com o gravador no bolso da cami-sa (risos). Como nunca tive uma memória privilegiada, ia falando para o gravador e registando as impressões que me causavam os pratos.

**Era um momento solitário ou de companhia obrigatória?** Muitas vezes, ia em grupo. Quem ia comigo já sabia que eu tinha de provar o que estavam a comer e exigia que não houvesse repetições de pedidos (risos).

**Alguma vez quebrou as regras e aceitou convites?**

Sempre estive longe de aceitar convites para inaugura-ções, festas de aniversário, ou qualquer outra celebra-ção. Mantive sempre muitas distâncias. Não no sentido

de soberba, mas no de não haver espaço para aproximações demasiadas, de modo a que conseguisse cumprir as regras que me impus.

**Criou “discípulos” desse estilo?**

Não é um estilo, é uma adoção de princípios. Há alguns que o seguem. Os que ainda me merecem confiança e que leio sabendo que não estou a comer gato por lebre. Mas muito poucos, muito poucos, realmente. Tive a felicidade de ver que, uns anos depois, o meu grande amigo e confrade, David Lopes Ramos, também começou a seguir rigorosamente esse código. Ele era um homem honestíssimo, não podia fazer de outra maneira.

**É um código fundamental?**

Claro. Quando se entra em facilitismos, a promiscuidade torna-se muito fácil.

**Acabou por rejeitar a publicidade. Nunca se sentiu tentado a ceder-lhe?**

Sim, mas isso era completamente impossível. E mesmo não tendo a carteira profissional, procedia como se a tivesse.

**E como é que vê os que a procuram?**

Mal. Só tenho consideração por quem cumpre, realmente, estas regras, que, para mim, são básicas. Quem não cumpre, está sujeito a tudo e mais alguma coisa. As pessoas que merecem leitura e consideração não chegam, de facto, à meia dúzia.

**Um crítico gastronómico tem poder na ponta da caneta. Sente-se uma pessoa influente?**

Não. E nunca me subiu à cabeça. Por vezes, criticava mais acerbamente, mas nunca caí na crítica violenta do *deita abaixo*. Sempre tive o cuidado de pensar que estava a lidar com gente que podia sair muito prejudicada.

**Quando é que se diz mal?**

Quando se defende o leitor de cair numa armadilha.

**O leitor está sempre em primeiro lugar.**

Sempre. Na minha curtíssima mensagem de despedida, disse: sempre ao serviço do leitor e, entre parêntesis, da Gastronomia, com verdade e honradez. É para isso que nós existimos. Os jornais – neste caso, a imprensa escrita –, ou as revistas, vivem dos leitores e para os leitores. Não se con-cebe que seja para outra coisa.

**Sente que encheu ou esvaziou restaurantes?**

Tenho dúvidas que esvaziasse restaurantes. Nem era isso que me interessava. Agora, que enchia, enchia. Não ia lá comprovar, mas diziam-me que enchia. Portanto, poder, nesse aspeto, enfim, teria.

**Alguma vez tentaram influenciá-lo?**

Inicialmente, talvez. Mas depois viram o que é que a casa gastava e nunca mais.

**E conseguiu seguir sempre os mandamentos de coração, cabeça e estômago?**

Sempre. Fiz isso sempre. Nunca infringi. Não me posso arrepender de nenhum pecado.

**Acha que a profissão está a desvirtuar-se?**

Pelo que vejo, sim. Mas não nos podemos esquecer de um factor essencial: estas são secções muito caras. Para se cumprirem as regras, é preciso pagar. É óbvio que eu pagava todas as minhas refeições – isso era das coisas principais. Que tenha conhecimento, foi-me proporcionado a mim, no *Expresso*, e foi ao David Lopes Ramos, no *Público*. Mais ninguém. Lembro-me de gente que quis fazer omeletas sem ovos, que tinham de, através de uma entrada, de um prato e de uma sobremesa, avaliar um restaurante. E que, claro, pagavam mais do bolso deles. Isto era uma coisa tremenda.

**Mas aí havia uma missão, claramente – a crítica acima da adversidade. Hoje em dia, isso existe?**

Não. Depois, às tantas, começou a ser uma desculpa para outros que aceitam tudo e mais alguma coisa – viagens, refeições, etc. Passou a ser também uma explicação: “os jornais não nos dão as situações económicas devidas, por isso...”. Quem quer ser crítico, é crítico. Quem não quer, pelo menos, não lhe veste a pele, não é?

**É conhecido por ter um vocabulário erudito.**

**Foi influenciado pelo estilo dos romancistas que leu (e estudou)?**

Sim, é evidente. Quem não tenha lido, não...

**...não escreve.**

Pode escrever à vontade e pode ler só autores modernos. Pode ler só Hemingway ou José Cardoso Pires, e escrever muitíssimo bem... Agora, eu, realmente, sou um bocado mais clássico.

**Situam-no entre Eça e Aquilino.**

Tenho o meu quinteto na literatura portuguesa. Por ordem cronológica: Camões, Camilo Castelo Branco, Eça de Queiroz, Aquilino Ribeiro e Fernando Pessoa. O Fernando Pessoa não é chamado para estas coisas. O Camões só ocasionalmente. Agora, ao ler Camilo, Eça e Aquilino, além do prazer extraordinário e instrutivo que é, abre-nos um horizonte vocabular imenso. Depois de os ler, temos quase a obrigação de não cair no erro de escrever com 200 ou 300 palavras. Temos uma língua rica, cheia de fulgores, matizes, e possibilidades, que não nos obriga a usar sempre os mesmos chavões.

Aliás, orgulho-me de nunca ter escrito “estava de comer e chorar por mais”. Nada de nos querermos comparar com esses deuses, não é? Agora, temos de aproveitar um pouco da lição deles.

**E passá-la. Defende que as pessoas falam cada vez com menos palavras. Nunca teve receio de não ser percebido?**

Não, achava que devia exigir-se um pequeno esforço ao leitor. Estamos a trabalhar para ele - se fizer um pequeno esforço também não lhe faz nada mal.

**É uma oportunidade para a reeducação?**

Neste caso, a de ir ao dicionário. Se não repetir palavras causar engulhos ao leitor, que não sabe e me acha pretensioso, faça o favor de ir ao dicionário.

**Portanto, nunca assumiu o seu discurso como provocatório, como muita gente o adjetiva.**

Não. Nunca quis sobressair por causa disso. A minha preocupação era fazer sentir que a língua portuguesa é, de facto, muito rica.

**Tal e qual a Gastronomia?**

Claro.

**Para muitos, a base do seu trabalho é apenas uma necessidade: comer e beber. Acha que é uma arte que se pode aprimorar?**

Eu acho que é fruto do génio humano conseguir transformar uma necessidade num prazer.

**E o que diz àquelas pessoas que acham que os críticos de Gastronomia são privilegiados?**

Inicialmente, a ideia poderá ser essa. Mas, à medida que os anos vão passando, às vezes, torna-se uma carga. A obrigatoriedade de ir, sem falta, todas as semanas, mais do que uma vez, a um sítio. E depois, o posicionamento que se tem de ter à mesa. Para mim, não há nada melhor do que desfrutar de uma refeição com amigos ou com família. Mas com uma certa despreocupação, sem estarmos continuamente focados naquilo.

**Na crítica, não há espaço para a despreocupação.**

Tem de se estar focado, realmente, em todos os outros por-menores. Inclusivamente, se for possível, ver o que é que passa para as outras mesas, ver os aspetos do serviço, etc.. Obriga-nos a uma atenção constante.

**E a arte de escrever sobre Gastronomia, também se aprimora?** Quanto mais nós lermos, melhor podemos escrever. Ler os grandes autores e não tentar, apenas, arrancar um certo estilo, mas também prestar atenção às pequenas coisas.

**Acha que o futuro dessa arte de escrever sobre Gastronomia é um futuro com vista para a blogosfera?**

É uma área que não frequento. Mas todos os ecos que me chegam, sim, mostram que cada vez tem mais importân-cia. Antigamente, convidava-se quem escrevia nos jornais; agora, convidam-se *bloggers* também, coisa que antigamente era inimaginável.

**Não frequenta a blogosfera, mas o seu nome surge, não raras vezes, em discursos online. Nunca sentiu curiosidade de virar a crítica para o crítico?**

Pessoalmente, não. Amigos falavam-me de “campanhas” a dizer mal de mim e eu pedia-lhes que me facultassem as críticas. Mas ficava sempre muito decepcionado, porque os que diziam mal ou eram anónimos ou pseudónimos. Alguns punham o nome, mas a maioria não. Para mim, é um reino de irresponsabilidade.

**É defensor da cozinha portuguesa. Acha que os críticos têm a obrigação de a defender?**

Cada um faz o que quer, mas isso, para mim, é evidente.

**Alguns consideram-no extremista... Acham que devia abrir horizontes.**

Uma coisa é abrir horizontes; outra coisa é falar de cozinha tradicional portuguesa. Não se deve mexer, porque foi milhões de vezes experimentada, até atingir um estado que agrada a toda a gente e que perdura no tempo. Quem queira fazer diferente, que faça; agora, não se vá estribar no prestígio dessas receitas. Estou farto de ver “Bacalhau à Brás *à minha maneira*”. “Bacalhau à Brás” só tem uma maneira. Até podem querer fazer uma nova cozinha portuguesa. Agora, não aproveitem, tentando modificar, esses pratos que já têm a sua fórmula definitiva. Assumam responsabilidades!

**Incomodam-no, também, os pratos sem tradução.**

O português é obrigado a conhecer as designações asi-áticas para determinadas coisas? Eu, felizmente sempre tive livros de cozinha estrangeiros, de todos os países e de todos os continentes, e ia verificar. Agora, não sou obrigado a saber à partida. Nem, por vezes, certas designações que são quase charadas e que depois de esmiuça-das são pura fantasia. É para, como se dizia, já no século XIX, *épater le bourgeois*.

**Preferia escrever sobre restaurantes onde a cozinha tradicional portuguesa fosse praticada...**

Mas onde também encontrasse coisas novas (e válidas). Quem me dera a mim! Não fazia mal nenhum ao mundo. Pelo contrário, até eram sensações novas. Mas comecei a

ficar um bocadinho de sobrolho quando começaram a aparecer os *ares de e fumos disto*. Até duvidava se tinha havido alguma intervenção.

**Acha que o facto de ser mais crítico em relação a outras cozinhas está a contribuir, de forma negativa, para a percepção do público de movimentos atuais da cozinha mundial?** Mas quem sou eu para fazer qualquer dica em relação a isso? Não, nem podia! As pessoas desses movimentos têm atrás de si imensos seguidores. Não iriam querer, com certeza, que o velho crítico do *Expresso* também fosse divulgar o que achava que não tinha justificação, sequer, para ser conhecido ou divulgado. Se há assim uma maré tão importante e tão vasta, não podia -nem quereria, pois seria contra o meu espírito – ser um dique contra a inundação dessas coisas novas. Tudo bem, façam isso tudo. Agora, há coisas que não deixo de achar uns disparates.

**Como, por exemplo?**

Tenho, talvez, 90% das pessoas contra mim, mas sempre achei os hambúrgueres...

**Disse que eram bons para quem não tivesse dentição...**

Que não tivesse dentição e que tivesse mau gosto. A divulgação completamente tresloucada, nos últimos tempos, de hambúrgueres de tudo e mais alguma coisa, juntamente com o conceito de hambúrguer *gourmet* anexado, não fazem sentido.

**Conseguiu fugir à moda do sushi, que é, talvez, a mais duradoura? Ou “onde não há fogo não há cozinha”?**

O fogo sempre esteve associado à cozinha. Direto ou indireto, o calor é até um dos pontos altos da nossa culinária. O sushi – que já experimentei, claro – é algo excelente para quem tem grandes preocupações em termos de peso – são refeições leves e que se podem comer numa vez ou noutra. Nada contra isso. Agora, isso transformou-se numa religião. É um exagero. Não tenho mentalidade para perceber estas coisas. São as tais novidades que, para mim, não trazem nenhuma melhoria.

**Há críticos que preferem escrever sobre essas cozinhas inovadoras, de fusão, étnicas, ou de autor, porque acham difícil encontrar informação sobre cozinha portuguesa. Isto é verdade?**

Não! De maneira nenhuma. Estudem. Vão à procura das fontes. Agora, até há estudos parcelares sobre

determinadas províncias. Isso só prova desconhecimento e pouca vontade de trabalhar. Ou talvez essas coisas não estejam na Wikipédia...

**Que outras cozinhas defende, para além da tradicional portuguesa?**

Um país que tenha uma cozinha é uma coisa muito restrita. São os países da área mediterrânica, e nem todos. Do outro lado do mundo, é a China, porque influencia tudo. Há também uma zona do antigo Império Otomano, e a cozinha grega. Mas a sério, a sério, é Portugal, Espanha, Itália e a França quase toda. E Portugal, ainda por cima – e como dizia uma personagem do Eça de Queirós – “é pequenino, mas é um torrãozinho de açúcar”. Tem a cozinha mediterrânica, desfrutando de todos os seus princípios básicos; tem o desfrute do peixe do Atlântico; e tem a nossa doçaria conventual, que é uma coisa única.

**Falando de cozinheiros: acha que brilha mais o anónimo ou a estrela Michelin?**

Não, quem brilha agora é quem tem agências promocionais (risos).

**Mas em relação à qualidade...**

Quem transmite a tal riqueza culinária de um país, o tal património culinário, ou gastronómico, de geração em geração, não são as estrelas Michelin. São os cozinheiros e cozinheiras anónimos, de restaurantes medianos. Às vezes, uma simples cozinheira de casamentos de aldeia - de que muitas vezes nem se sabe o nome, ou só se conhece pelo primeiro – é que transmite os saberes ancestrais. Os outros brilham porque a cultura *pop* impôs os cozinheiros como ícones dessa dita cultura.

**A cozinha foi capturada pela sociedade do espetáculo?**

Sim, claro. Os cozinheiros são elevados a estrelas, tal como grandes *pivots*, em redor dos quais as coisas giram. Depois, são associados às entidades que fazem classificações, que as atribuem, e que elaboram guias com repercussão mundial. É o *showbiz*.

**Rendeu-se a alguma destas estrelas?**

Rendi. Prezo muito a primeira geração que veio arejar a cozinha portuguesa, mas com medida e cabeça. Foi no princípio dos anos 1990, e já quase nenhum está a trabalhar. Sempre me referi a eles com a atenção que merecem.

Não houve nenhum cozinheiro importante a quem não tivesse feito uma crítica favorável.

**E dos mais recentes?**

Acho que o José Avillez reúne tudo o que é possível. É novo, tem um talento desmesurado, aprendeu com quem devia aprender. É um homem com ideias, com bom gosto, um tremendo trabalhador e um artista. E, além do mais, é uma pessoa muito simpática. Não lhe subiu nada à cabeça, o estrelato. É um grande nome da cozinha portuguesa contemporânea.

**Mas não é um nome que se ligue à cozinha tradicional.**

Nunca quis fazê-la, e muito bem. Criar pratos novos? Magnífico. Quando os pratos têm razão de existir, e são coisas com uma construção lógica, é extraordinário.

**Consegue eleger um prato ou um restaurante?**

Estou é sempre a dizer os mesmos. Os pratos da cozinha portuguesa são todos possíveis eleitos, desde que sejam feitos com produtos genuínos, com receitas fidedignas e com um pouco de talento...

**Mas a mão de quem faz também tem importância.**

Sim, nunca é só seguir uma receita. E também não é só cozinhar com amor, frase com a qual não me alinho. É preciso é um pouco de talento. Restaurantes, há aqueles que nunca quiseram representar mais do que aquilo que são e que se mantiveram sempre no topo. Esses merecem-me todo o respeito.

**Agora que terminou a sua coluna no *Expresso*, acha que será o último crítico gastronómico português?**

De maneira nenhuma. Nada de último moicano. E vai aparecer mais gente, com certeza. Oxalá que tenham condições para poderem manter as regras deontológicas, sem as quais acaba a fronteira fundamental entre divulgação e crítica, e onde se criam situações de promiscuidade.

**Como vê o seu sucessor, Fortunato da Câmara?**

É uma pessoa que me merece a máxima confiança, não só pelos conhecimentos que tem, como pelos que continuamente aumenta e aprofunda. Tem muito mais paciência para as novidades do que eu e tem, claro, uma integridade moral absoluta, de uma honestidade acima de toda a prova.

**Saiu por um problema de saúde.**

Sim. Mais precisamente, um problema de visão.

**Sente-se um pouco traído?**

Completamente diminuído. Não tenho possibilidade de ler, a não ser mal e com uma ajuda electrónica, o que me inibe de toda uma série de coisas que estariam inerentes a fazer aquilo que fazia. Ler e aprofundar mais conhecimentos de livros – não só da área, mas também – que não houve possibilidade de ler assim tão bem – isso desapareceu completamente. A minha ambição futura nem era essa, era em relação às outras áreas da cultura. Nesta, sempre estive disposto a, quando acabasse, desligar as baterias e deixar de me empenhar completamente.

**Mas vai continuar a cumprir esse papel, por outros meios? Sei que em breve irá lançar um novo livro, o "Bem comer & Curiosidades."**

Esse, felizmente, consegui revê-lo todo antes do acidente oftalmológico. Está um calhamaço enorme. Vai sair em breve. Quem quiser que o leia e que se sirva dele.

**E é uma espécie de ponto final?**

Sim, é.

**Começou movido pelo facto de achar que a cozinha portuguesa estava a ser desprezada. A batalha foi ganha?**

Foi. Atenção – não estou a querer dizer que tive algum papel nisso. Quando, a partir dos anos 1980/90, se começou a assistir a uma profusão de festivais de Gastronomia organizados pelas entidades locais, e a uma tendência por parte de terras de quererem chamar a si determinadas especificidades, tudo isso indiciava uma verdadeira preocupação. Basta lembrar o seguinte: em qualquer bom livro de cozinha indiana, há um capítulo de cozinha goesa. A língua, já quase ninguém a fala. Ficou a cozinha. E tenho a certeza de que, em Macau, é o que vai acontecer também. Aliás, até podíamos terminar roubando uma frase muito definitiva, dita pelo arqueólogo Cláudio Torres: “Uma nação é uma comunidade de sabores e de cheiros. (...)”. Claro que há muito mais, não é? Mas são essas coisas que se deixam.

# 52

RL#42 | AO LARGO  
RETRATO DE CORPO INTEIRO

## JOÃO GABRIEL SILVA *faço, logo existo*

MARTA POIARES



“Eu e as minhas origens somos a mesma coisa”. João Gabriel Silva, nascido em Pombal, em 1957, volta com orgulho ao lugar onde foi feliz. Talvez por isso mesmo se prepare agora para estar mais quatro anos no lugar de Reitor da Universidade de Coimbra (UC), que ocupa desde 2011. Dos primeiros dez anos de vida, guarda a preferência clubística – o Sporting Clube de Pombal –, a sua primeira horta e a vontade de aprender: “Na década de 1960, a escolaridade estava longe de ser universal. Lembro-me de ir todos os dias a pé para a escola e de estar a escrever engadanhado. Eram tempos difíceis.” Cedo contrariou a Natureza e dela quis fazer mais. Numa zona de flores, semeou feijões, batatas e alfaces; e ao som dos comboios da Linha do Norte, que ali passava, trocou o significado: muita linha, muita terra, e um caminhar sempre para mais longe. Mas não para muito. A escola pública levou-o, juntamente com os quatro irmãos, para Coimbra: “Como não havia escola pública em Pombal, o meu pai decidiu fazer algo notável: era chefe da delegação da Companhia Elétrica das Beiras, em Pombal, e aceitou perder vencimento para que os filhos tivessem uma educação superior.” A ação teve os seus frutos e João Gabriel Silva tem a certeza de que valeu a pena: hoje em dia, os irmãos são todos cientistas e, muitas vezes, apelidados de “Os Cinco Magníficos”. Foi assim, pela mão da história e da experiência, que percebeu que os únicos caminhos para um país saudável eram os do trabalho continuado, árduo, inteligente e esforçado: “O nosso corpo foi feito para se mexer. Se não se mexe, estraga-se.”

Como (mais) uma lição, encara também o serviço cívico que teve de cumprir no ano de todas as revoluções. Em 1974, depois de ter terminado o liceu e até entrar na universidade, João Gabriel Silva passou por um levantamento ornitológico e pelo trabalho nas valas de esgotos de Aljustrel. Das duas atividades, retira o desafio e a observação, de perto, das contradições de um país por

definir: “Portugal era um mundo cheio de contradições. Era um mundo novo. Só não achava muita graça quando queriam que assumíssemos uma posição política alinhada com a conversa que nos estavam a dar, fosse para um lado, fosse para o outro.”

Ingressa na universidade no início de novembro de 1975. A escolha de Coimbra como destino de estudos foi imediata: “Estava cá e os meus pais tinham poucas condições económicas. Ou íamos para a UC, ou não íamos para a universidade.”

Depois de ter balançado entre Engenharia Eletrotécnica, Filosofia e Economia, acabou por escolher aquela em que podia ampliar a capacidade de pensar e fazer por si próprio: “Optei por Engenharia. As outras áreas estavam extremamente politizadas ou tinham linhas de pensamento pré-estabelecidas. Tento ter posições fortes, tão baseadas quanto possível, e reconheço que é um traço muito positivo. Mas não gosto quando as coisas são muito unilaterais.”

Quis o acaso que a primeira aula, a decorrer na sala 17 de abril, fosse marcada por uma greve de estudantes: “Tínhamos estado um ano a marcar passo. Estava tudo esfomeado para ter aulas. Ficámos perdidos.” João Gabriel Silva acabou por liderar o processo que terminou a greve e foi, muito rapidamente, eleito para presidente da comissão de curso do primeiro ano de Engenharia. Queda para a liderança? “Não. Não gosto, simplesmente, que algo seja imposto sem antes haver uma discussão ou votação”.

Sem discussão e com algum fascínio foi a opção da especialidade de Informática, da qual acabou por obter o grau de Doutor, em 1988: “Era um mundo fascinante. Os computadores eram extremamente complicados comparados com o resto.” Do desafio inicial nasceram obras inesquecíveis – o atual Reitor da UC é considerado o pai do primeiro microcomputador português (ENER 1000), tendo coordenado a equipa que o produziu. A motivação, na altura, foi tão simples como

a necessidade: “Os computadores eram muito caros. Como não havia financiamento para os adquirir, decidimos construí-los. Aprendemos imenso.”

A dimensão do projeto, que continuam a apelidar de um dos marcos da Engenharia portuguesa do século XX trouxe-lhe orgulho e, claro, vontade de fazer mais. Continuou a participar em diversos projetos industriais, como o com-putador modular UNIC – sucessor do ENER 1000 – ou uma máquina de escrever eletrónica portátil, querendo sempre marcar a diferença numa universidade que ainda se fechava a mãos empreendedoras. “Muitos achavam que a missão da universidade era apenas ensinar. E eu tinha uma discordância absoluta em relação a isso. Tenho ainda hoje.” Foram os projetos europeus em que também se envolveu que abriram espaço para outros horizontes. Foi precisamente aí que João Gabriel Silva percebeu a importância de sair para fora. Conhecer mundo. Se olharmos para a nossa História, a evolução de Portugal sempre se fez com os estrangeirados. As pessoas deviam sentir a necessidade de sair.”

Nunca viu em si o reflexo de um líder, mas são os factos que viram a imagem contra o retratado. A prova disso é a participação intensa – quase ininterrupta – na gestão universitária: pertenceu ao Senado, foi eleito para a Assembleia da Universidade, foi membro da Assembleia Estatutária do Conselho Geral e foi, ainda, diretor da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC, cargo que ocupou até se tornar Reitor. “Ao fim de algumas lideranças, tenho de concluir que devo ter alguma coisa adequada para esse efeito” (risos).

Entre observância e concretização, João Gabriel Silva sempre foi mais adepto da conjugação do verbo fazer. Ao conhecer a candidatura de Cristina Robalo Cordeiro à Reitoria da UC, nas eleições de 2011, e ao perceber uma visão algo diferente da sua, decidiu apresentar o seu lado da opinião. Na discórdia esteve o ganho e assim concorreu, pela primeira vez, ao lugar de Reitor. Com a satisfação da vitória, chegou um pouco de medo também: “Confesso que fiquei um pouco amedrontado. Embora caminhasse na gestão universitária há bastante tempo, a reitoria era um mundo novo.” Como *adversários* de peso, teve o poder político e, mais especificamente, a Troika: “Foi muito, muito, muito violento”. Mas o grande desafio, diz, veio a ser a manutenção da paz e da concórdia: “Conseguir introduzir os inevitáveis cortes orçamentais

de uma forma que fosse vista por todos como sendo justa, era complicado.” A par dessa paz, impulsionou a iniciativa, impedindo a paralisação em tempos de crise sem fim à vista: “Houve um reposicionamento inevitável e a UC, como tem condições particularmente adversas do ponto de vista demográfico e geográfico, podia perfeitamente ter caído num estado de letargia ou degradação e tornar-se numa universidade secundária.” Admite que a sua maior derrota foi não ter impedido o envelhecimento do corpo docente, mas sublinha uma enorme vitória: “A UC não só não saiu enfraquecida da crise, como saiu reforçada dela.”

Aceita a necessidade de algumas restrições orçamentais, mas é-lhe reconhecida a voz contra a austeridade: “Com poucas exceções, o governo, no meu entendimento, não soube introduzir alternativas que permitissem encontrar caminhos mais económicos. A maior parte dos cortes foram cegos e transversais, não havendo sequer o reconhecimento do mérito de quem geriu bem.”

Paralelamente ao lado académico, João Gabriel Silva foi construindo o de perfil de ambientalista. Da pequena horta presente nas memórias de infância ao terreno que agora cultiva ao fim de semana, como forma de relaxamento, o “lado B” do atual Reitor chegou mesmo a tornar-se um caso sério: encorajado pela irmã, foi tesoureiro da Quercus e fez da coincineração a sua luta. “Era conhecido como homem do lixo. Colaborei em alguns projetos de conservação da natureza, mas a minha área sempre foi o lixo urbano, a reciclagem, a redução, a coincineração.” Hoje em dia, o tempo escasseia e não abre espaço para outras lideranças, mas a causa ambiental não deixa de fazer parte do seu dia a dia profissional: “Aqui, na UC, há muito que se pode fazer nessa área. Medidas de racionalização no consumo de energia e de água, sobretudo, e alterações das redes elétricas” são assuntos em cima da mesa.

No topo das prioridades do novo mandato está, no entanto, a internacionalização. Mesmo que, do lado do governo, as perspectivas sejam “fracas”, João Gabriel Silva garante estar a tentar encontrar uma oportunidade nas dificuldades, sem perder de vista uma universidade global: “O grande objetivo é conseguir atrair alunos de todo o mundo e professores de grande qualidade. Ou a UC se transforma numa Universidade Global ou vai transformar-se numa universidade regional, mais pequena e modesta”. O caminho, esse, não vai ser fácil. “Se fosse fácil, ou já lá estávamos, ou estava lá toda a gente. Mas o caminho é possível. E estamos a tentar trilhá-lo”, assegura.



## 725 anos: o que fazer nos próximos dias...?

JORGE FIGUEIRA \*

Após 725 anos de paz e progresso imperturbados declarou-se finalmente uma guerra entre as Humanidades e as Ciências e Tecnologias. O texto, sem as Ciências e Tecnologias, continuaria a ser escrito em pedra ou em papiro. O *software*, sem as palavras, seria uma tela branca, uma ocupação de macacos cientistas. Ou um circuito eletrônico para o silêncio.

Podemos escolher um dos lados da batalha: regressarmos à caverna rupestre ou darmos corpo a um HAL 9000 – sem o ciúme e a humanidade ocular que eram texto escrito e recitado.

Talvez seja melhor não optar. Mas a batalha é real e mesmo as neutralidades suíças estão a ser postas à prova. A neutralidade também não é uma opção.

A Universidade de Coimbra (UC) pode ser um jogador decisivo porque ambos os lados têm convicções profundas; mas tem de haver uma *Rua Larga* onde se manifestem, se confrontem, e concluam provisoriamente.

Uma boa questão filosófica – e bem pragmática – é a opção entre a manutenção do português (Humanidades) e a assunção *full time* do inglês (Ciências e Tecnologias). A rendição das Humanidades ao inglês é uma traição ao próprio corpo linguístico – que não integra só o português, mas também o francês, o italiano, o castelhano, o alemão – e que, no fundo, se constitui como resistência à língua dominante da globalização. As Ciências e Tecnologias não têm como recusar o inglês, que usam numa versão mais ou menos elaborada do famoso “inglês técnico”. Por isso alguns investigadores se gabam de escrever diretamente em inglês. É meritório; mas não se trata de Literatura, o que ajuda imenso. Não havendo uma terceira via, por enquanto, como escolher? A UC afirma-se em português ou em inglês?

O que as batalhas *local relevance* vs internacionalização e transmissão de conhecimento vs *web of knowledge* têm feito aos professores e ao ensino ainda está por contabilizar.

A investigação, se se tornar um objeto exclusivo e autoritário, é um dispositivo contrário ao do professor, que vive de uma teatralidade e de uma suposição de tudo abarcar. A investigação é um barco apertado, praticamente um colete salva-vidas. Um professor não pode ser um naufrago à procura do nicho que o redimirá na *web of knowledge*, porque na sala de aula será apenas um afrito.

E os alunos percebem isso muito depressa, enquanto verificam as mensagens no telemóvel.

É evidente que um certo delírio do professor – que tem uma noção extrema do tempo que passa, através dos alunos; que encena também para lá de saber; que sorri como um político em campanha – está em crise. Mas este delírio, uma quase febre, é o que permite instigar os estudantes; é a Humanidade mesmo dentro das Ciências e Tecnologias.

O investigador não tem febre, só termómetros; não tem consciência do tempo, só prazos. O professor custa dinheiro; o investigador capta financiamento.

E é nesse momento que as Ciências e Tecnologias ganham às Humanidades, e o professor em ambos os campos tende a desaparecer.

Mas está muita coisa a desaparecer.

Ser professor é diferente depois da *Wikipedia*, do *Youtube* e do *Google*. A *Web of Knowledge* é como o *Facebook*, ou o *Twitter*, algo que veio para ficar. É a lógica dos seguidores, dos “amigos”, dos *likes*. Os “amigos” não são bem amigos, dizem-me; como as palavras na Internet já não são bem palavras, mas pixéis em permanente mutação, brilhando em todos os “tipos de letra” imaginários. As palavras são o *software* da internet; as imagens o *hardware*. E portanto as Humanidades transmutam-se em Ciências e Tecnologias, e surge uma conversa sem fim, lixo eletrônico, onde o apocalipse está próximo e é sedutoramente *kitsch* ou assustador como um filme de John Carpenter.

Já não exatamente textos, mas *posts*; já não exatamente palavras, mas luzinhas que piscam.

Algumas destas questões são perturbantes e até de impossível “solução”. É por isso que se inventaram as artes, onde incluo a Arquitetura. As Artes adiam a resolução dos problemas sob a forma de antecipação; não nos dão respostas sob a forma de conclusões convictas. É isso que permite uma certa felicidade, que não pode estar ausente na Universidade.

Como arquiteto, acredito que uma forma de atacar os problemas é criar condições de hospitalidade e espacialidades invulgares. Fazer avançar as condições onde habitamos e trabalhamos potencia e abre a nossa experiência do mundo.

Temos a sorte da Alta de Coimbra ser um extraordinário lugar em potência e não somente um lugar da história. A instalação de residências de professores e estudantes no topo de edifícios da Alta, a abertura de lojas de conveniência de várias ordens, a mistura de funcionalidades e melhores acessibilidades, como a implantação de estruturas mecânicas paralelas às Monumentais, reforçaria a hospitalidade e renovaria a espacialidade.

Há um coeficiente de inesperado na Alta que explorado e visibilizado seria uma forma expressiva de responder aos que consideram Coimbra um destino do passado. E de nos agitarmos com respostas, mesmo que as perguntas continuem perturbadoras.

Há batalhas bem complexas em curso. A UC pode travá-las com um sentido dialético e futurante que uma Alta renovada pelo programa – e não necessariamente pela grande obra – seria um sinal global de *aggiornamento*. Ou um *reboot*, se quisermos ser mais tecnológicos.

\* Professor do Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

# o mapa e os mapas

PEDRO JORDÃO \*

Sentiu-se adulta quando perdeu o controlo do mundo. Houve um dia que não recorda em que o passado deixou de ser uma gaveta bem arrumada de recordações mais ou menos felizes e a capturou, acompanhando-a para todo o lado, bem dentro dela, como um órgão permanentemente doente. Como um osso desgastado pressentindo a tempestade, também o passado lhe doía na aproximação a rostos e a lugares mais sombrios, mas não se esquecia de como dependia muito da hora que os pontos mais luminosos se fossem apagando até desistirem do dia. O sol inclina-se, e também o olhar. Por isso repetia neste momento que se enganam os que caminham pensando percorrer um espaço quando antes de mais percorrem um tempo. Aquela porta fechada era uma abertura para um mundo que só ela podia ver. Estava há uma hora ou há um minuto de pé e imóvel diante de um lugar a que há muito tinha virado costas, lembrando todos os acidentes que a memória permitia, alguns beijos, todas as despedidas, muitas esperanças caídas em batalha. Não podem sobrepor-se os espaços, mas podem sobrepor-se os tempos, e via essa verdade projectada com clareza contra aquela porta vermelha e gasta. Ao lado, o espaço vazio de um edifício demolido, que recordava ser igual ao seu, acentuava a sensação de um desastre a que se volta. Sabia que o regresso seria cruel, é natural que a memória assinalasse mais a destruição, é a ferida que deixa cicatriz, não a carícia. Não tinha sido fácil encontrar a sua antiga casa, muito tempo pode ser muito tempo numa cidade que todos os dias anuncia uma mudança. Procurou um mapa, que lhe foi entregue imaculado como se a cidade se estresse naquele dia. Tão vincadas eram as dobras que se julgaria tratar-se de um segredo mas, aberto, nada escondia. Ali tudo era liso e possível, o dedo indicador deslizava sem oposição e sem memória por ruas, edifícios e jardins de papel como um fantasma atravessando paredes. Pôs-se a caminho do lugar marcado com uma cruz vermelha, cumprindo nomes de ruas e linhas coloridas, mas não demorou até que a viagem se tornasse pouco segura. Os mapas desorientavam-na. Indicar ruas não é o mesmo que indicar lugares, sem um sentido não importa a direcção, e ela regressava perdida à cidade que um dia fora sua. Havia mais do que uma porta a assombrá-la e, por muito que a velha cidade se tornasse cada vez mais nova, eram muitas as memórias que a rasgavam à medida que os seus olhos reconheciam lugares que eram momentos perdidos, mas não esquecidos. Reconhecer é uma forma de apropriação do que, mesmo por um segundo, foi nosso – uma imagem, um odor, um destroço, um percurso, um rosto, um erro – e a meio do caminho lembrou-se da despedida que arrancou aquela esquina da cidade, como um jardim abandonado para sempre danado onde apenas se entra para chorar pelas velhas estátuas devoradas pelas ervas daninhas. Todos os lugares são inofensivos antes de serem nossos, mas a posse pode torná-los mortais. Sabia que o mapa que trazia na mão era uma mentira. Tinha os seus, sempre a falhar, sempre a mudar, não coincidindo com o mapa oficial da cidade, assinalando naufrágios onde o papel assinalava apenas um cruzamento. Mas esses, doendo, eram verdadeiros. Olhava para a cidade como uma ideia romântica, um território de partilha que não existe a não ser acidentalmente. Vivemos todos em cidades diferentes, dizia, só os nomes coincidem absolutamente. Mas nesta cidade de nome pertencente a todos, ela estava há uma hora ou há um minuto de pé e imóvel diante de um lugar a que há muito tinha virado costas, um velho edifício que a tinha transformado e nada dizia a outros, quando do papel onde tinha anotada a morada sobressai um número redondo que não coincidia com o daquela porta vermelha e gasta. Num regresso, o maior perigo não é a dor, mas a inutilidade. Demorou a perceber o que sentia ao perceber que tinha estado em confronto com a paisagem errada, com o seu ponto de chegada oculto mesmo ao lado nos escombros que tinha ignorado. Já não existia aquele lugar, e no entanto em si permanecia intacto. Mas a intenção nunca fora esquecer, mas arrumar. Não tinha sido inútil, não precisava afinal da porta para poder fechá-la.

\* Pedro Jordão (Aveiro, 1977) é arquiteto pela Universidade de Coimbra, tendo vindo a dividir a sua atividade entre a prática e investigação em arquitetura e a programação cultural. Foi fundador e diretor da revista NU, mantendo desde então uma produção crítica regular com contributos para diversas publicações e conferências. Foi docente universitário, bem como curador em iniciativas como a HabitarPortugal ou a Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura. A par da arquitetura, foi diretor artístico do Teatro Aveirense e dirigiu e programou outras estruturas culturais, com uma particular ligação à música e ao cinema.



59

RL #42 | AO LARGO  
CRIAÇÃO LITERÁRIA

## 725 livros virão ao nosso encontro



Quem ama os livros reconhece com facilidade que representam, em essência, a metáfora viva do encontro. Porque em cada livro confluem as leituras de muitos outros que o precederam e se encontraram com a sensibilidade estética e a indagação científica de quem os leu. Porque o nascimento de cada livro motiva, com regular cadência, espaços de encontro, análise e celebração, onde o livro é convidado de honra. Porque mesmo quando repousam em estantes de livrarias e bibliotecas, os livros encontram-se e convivem entre si, aguardando somente a redescoberta que se anuncia no encontro com novas leituras.

Nestes tempos de evocação dos 725 anos da Universidade, virão ao encontro da *Alma Mater* os 725 livros que a IUC espera ter publicado desde a sua refundação em 1998. Não programámos esse momento, nem escolhemos o livro que o cumprirá: aguardamos apenas, como sempre, que venha ao encontro de quem o souber amar.

Delfim Leão  
Diretor da IUC

**Título:** *Reitorado I*  
**Autor:** Rui de Alarcão  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Série *Documentos*  
Coimbra 1999

**Título:** *Imprensa da Universidade de Coimbra - uma História dentro da História*  
**Coordenadores:** Fernando Taveira da Fonseca, José Antunes, Irene Vaquinhas, Isabel Nobre Vargues, Luís Reis Torgal e Fernando J. Regateiro  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra 2001

**Título:** *Academia de Coimbra (1880-1926): contributo para a sua História*  
**Autor:** Manuel Alberto Carvalho Prata  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Série *Investigação*  
Coimbra 2002

**Título:** *A Universidade de Coimbra - o tangível e o intangível*  
**Coordenadores:** José Francisco de Faria Costa e Maria Helena da Cruz Coelho  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra 2009

**Título:** *Tesouros da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*  
**Coordenador:** A. E. Maia do Amaral  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra 2011

**Título:** *Ritmos do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra*  
**Autora:** Ana Cristina Tavares  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra 2011

**Título:** *A Universidade de Coimbra e o Brasil*  
**Coordenadores:** José Pedro Paiva e José Augusto Cardoso Bernardes  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra 2012

**Título:** *Do Sul ao Sol*  
**Coordenadores:** José Pedro Paiva, José Augusto Cardoso Bernardes e Paulo Gama Mota  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra 2013

**Título:** *Biblioteca Joanina. Library Joanina (2.ª edição)*  
**Autores:** Carlos Fiolhais e Paulo Mendes  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra 2014

**Título:** *O Marquês de Pombal e a Universidade (2.ª edição)*  
**Autora:** Ana Cristina Araújo  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Série *Investigação*  
Coimbra 2014

**Título:** *Os livros em sua ordem*  
**Coordenador:** A. E. Maia do Amaral  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra 2014

## novidades iuc

**Título:** *O museu de imagens na imprensa do Romantismo*  
**Autor:** António Manuel Ribeiro  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coleção *História Contemporânea*  
Coimbra 2014

**Título:** *Reabilitação psicossocial e inclusão na saúde mental*  
**Coordenadores:** Manuel Viegas Abreu, João Leitão, Eduardo Ribeiro dos Santos  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Série *Documentos*  
Coimbra 2014

**Título:** *Manual de investigação qualitativa em educação (2ª edição)*  
**Coordenador:** João Amado  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Série *Ensino*  
Coimbra 2014

**Título:** *90 anos de ensino de língua e cultura portuguesas para estrangeiros na Faculdade de Letras de Coimbra*  
**Coordenadora:** Graça Rio-Torto  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Série *Documentos*  
Coimbra 2014

**Título:** *Beato Amadeu. Nova Apocalipse*  
**Autores:** Sebastião Pinho; Domingos Lucas Dias  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coleção *Portugaliae Monumenta Neolatina*  
Coimbra 2014

**Título:** *Ciência no singular*  
**Autor:** A. M. Amorim da Costa  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coleção *Ciências e Culturas*  
Coimbra 2014

**Título:** *Direitos fundamentais na arena global (2.ª edição)*  
**Autora:** Suzana Tavares da Silva  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Série *Ensino*  
Coimbra 2014

**Título:** *O que faz de um Presidente da República um presidente republicano?*  
**Autora:** Paula Veiga  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Série *Investigação*  
Coimbra 2014

**Título:** *Obras da Prof. Doutora Maria Helena da Rocha Pereira. Vol. 2. Estudos sobre a Grécia Antiga*  
**Autora:** Maria Helena Monteiro da Rocha Pereira  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra/Fundação Calouste Gulbenkian  
Coimbra 2014

**Título:** *O trágico antigo e moderno*  
**Autor:** Gilmário Guerreiro da Costa  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coleção *Annablume*  
Coimbra 2014

**Título:** *Estudos clássicos III: cinema, literatura, teatro e arte*  
**Coordenadores:** Gabriele Cornelli e Gilmário Guerreiro da Costa  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coleção *Annablume*  
Coimbra 2014

**Título:** *Investigação operacional em ação - casos de aplicação*  
**Autores:** Rui Oliveira e José Soeiro Ferreira  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Série *Ensino*  
Coimbra 2014

**Título:** *Ofício de orador*  
**Autor:** António José Avelãs Nunes  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Série *Documentos*  
Coimbra 2014

**Título:** *Os livros em sua ordem*  
**Coordenador:** A. E. Maia do Amaral  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra 2014

**Título:** *Pharmacopeia geral para o reino, e domínios de Portugal, publicada por ordem da Rainha Fidelíssima D. Maria I*  
**Autor:** Francisco Tavares  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra 2014

**Título:** *Teoria da literatura e interpretação: o século XX em 3 argumentos*  
**Autor:** Ricardo Namora  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Série *Investigação*  
Coimbra 2014

**Título:** *Ensaio sobre património alimentar luso-brasileiro*  
**Coordenadoras:** Carmen Soares e Irene Coutinho de Macedo  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coleção *Classica Digitalia*  
Coimbra 2014

**Título:** *O papel dos conselhos gerais no governo das universidades públicas portuguesas: a lei e a prática*  
**Autores:** António Cândido Oliveira; Paulo Peixoto e Sílvia Silva  
**Edição:** Universidade do Minho e Imprensa da Universidade de Coimbra  
Guimarães 2014

**Título:** *As coleções de escultura em madeira do Museu Nacional de Arte Antiga e do Museu Grão Vasco: um contributo da ciência para a arte*  
**Autoras:** Cristina Nabais e Dalila Rodrigues  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coleção *Theke*  
Coimbra 2014

**Título:** *Ética e retórica forense: asebeia e hybris na caracterização dos adversários em Demóstenes*  
**Autora:** Priscilla Gontijo Leite  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coleção *Classica Digitalia*  
Coimbra 2014

**Título:** *A experiência da Primeira República no Brasil e em Portugal*  
**Autora:** Alda Morão  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra 2014



Se em 1964 era apenas título de um livro publicado por Umberto Eco, desde então tornou-se uma expressão de uso corrente, uma espécie de oposição quase proverbial. Originalmente, o escritor propunha a divisão das reações perante a cultura de massas e as indústrias culturais nas duas categorias referidas: de um lado, os primeiros, que consideravam que a massificação da produção e consumo constituíam a perda da essência da criação artística; do outro, os que acreditavam estar-se perante enormes avanços civilizacionais, de uma efetiva e criadora democratização da cultura. Colocámos tradição e inovação num frente a frente, para que as respostas se encontrassem lado a lado. Uma tem as raízes no passado e o prestígio na História; outra tem o amanhã como presente e a disrupção na avidez. Nos 725 anos da Universidade de Coimbra, urge responder: o que fica e o que parte numa instituição secular de olhos postos no futuro? Um património feito de costumes e referências identitárias, ou uma agenda de mudança que acompanha os progressos envolventes? Tempo de aniversário, hora de reflexão.

# 63

RL #42 | AO LARGO  
APOCALÍPTICOS  
E INTEGRADOS



# só os paranoicos sobrevivem

ANTÓNIO DIAS DE FIGUEIREDO \*

Dois livros do fim do século XX, publicados com poucos meses de diferença, abordaram com singular acuidade as dinâmicas a que estão sujeitas as organizações dos nossos dias, para as quais a antiga fantasia de Lewis Carroll segundo a qual para não se sair do mesmo lugar é preciso correr tão depressa quanto se possa se transformou em premente realidade: “O Dilema do Inovador”, de Clayton Christensen, professor da Universidade de Harvard, e “Só os Paranoicos Sobrevivem”, de Andrew Grove, presidente da Intel Corporation.

“O Dilema do Inovador” descreve a realidade com que se confronta uma organização que conquistou pela inovação uma posição dominante e que, confiando cegamente na sua superioridade, ignora as mudanças que se anunciam no horizonte e acaba engolida por elas. A extinção da Nokia, que era até há anos a empresa líder do mercado dos telemóveis, oferece um exemplo dessa realidade.

Curiosamente, as propostas dos dois livros completam-se. As de Grove respondem ao dilema de Christensen, defendendo que se escrutinem em permanência os sinais de mudança, para que esta possa ser prevista e reforçada, e dela se possa tirar o melhor partido: “Sucesso gera complacência. Complacência gera fracasso. Só os paranoicos sobrevivem”. Em contrapartida, o professor de Harvard oferece modelos para a construção da mudança e da inovação nas organizações conservadoras que Grove critica.

Um dos conceitos chave de “O Dilema do Inovador” é o de inovação disruptiva, que o autor contrapõe ao de inovação incremental. A inovação incremental introduz melhoramentos em produtos, processos, organizações ou sistemas sociais já existentes. Quase sempre, esses melhoramentos geram pequenos progressos, embora possam representar grandes avanços. São exemplos as televisões com melhor resolução, os aviões com

menores consumos, as baterias com maior duração, os computadores mais rápidos, ou as escolas onde os alunos aprendem melhor.

O conceito de inovação disruptiva, tal como proposto por Christensen, defende que as grandes oportunidades de inovação não estão em melhorar o que já existe, mas sim em criar soluções para populações ou mercados cujas necessidades não estão a ser satisfeitas. As inovações disruptivas emergem de forma exploratória, em contextos pouco exigentes, para utilizadores que aceitam as limitações de que elas possam sofrer. Nessa ausência de concorrência, rapidamente evoluem, ganham quota de mercado, consolidam-se e, ao fim de tempos relativamente curtos, invadem os territórios estabelecidos, onde ninguém imaginaria que pudessem impor-se, e tomam o lugar das soluções vigentes.

Os computador pessoal é um exemplo de inovação disruptiva. Nos anos 1970, o mercado informático era dominado pelos minicomputadores, máquinas com preços da ordem das centenas de milhares de euros, produzidas por empresas que representavam na altura o cúmulo da inovação e do sucesso. Quando, no início da década de 1980, surgiram os primeiros computadores pessoais, eram máquinas ridiculamente limitadas, destinando-se sobretudo a ser usadas como brinquedos, por crianças e pais. Foi nesse mercado inexplorado e tolerante que começaram a estabelecer-se, melhorando especificações e conquistando cada vez mais clientes. Dez anos mais tarde, tinham expandido o seu mercado para além das expectativas mais otimistas e ameaçavam o mercado dos minicomputadores. Em meados da década de 1990, o mercado dos minicomputadores desmoronava-se, a favor do dos computadores pessoais, e as empresas que os fabricavam deixavam de existir. A Internet, os telemóveis, os *tablets* e muitos dos novos produtos e serviços que usamos todos os dias são também exemplos de inovações disruptivas.

Embora introduzido há duas décadas, o conceito de inovação disruptiva têm vindo a consolidar a sua aplicabilidade e relevância. Inicialmente circunscrito ao setor empresarial, iniciou há meia dúzia de anos o alargamento para a educação não superior, e nos últimos anos tem vindo a penetrar na educação superior, apesar da tradição fortemente conservadora das universidades.

Do ponto de vista da sociologia da inovação, as instituições educativas são redes de atores cujos nós correspondem

às realidades em presença: professores, alunos, modelos pedagógicos, unidades de investigação, carreiras docentes, sindicatos, acreditação e avaliação da qualidade. Tratando-se de subsistemas com fortes tradições, os nós destas redes procuram reforçar-se mutuamente, em configurações que tendem a eternizar-se, robustecendo uma estabilidade que dificulta a inovação. Se algum responsável pretender inovar, o sistema reagirá de imediato, ou porque os alunos receiam perder direitos, ou porque os professores se sentem afetados, ou porque qualquer outro nó temerá que a mudança prejudique privilégios duramente conquistados. A cristalização destas configurações de forças, que se mantêm equilibradas, tenderá a impedir a mudança.

Em ecossistemas desta natureza, tentar inovar, com ou sem tecnologias da informação, pode ser uma tarefa votada ao fracasso. Por muito sucesso que tenham algumas iniciativas avulsas, animadas por pioneiros entusiásticos, a inércia do sistema se encarregará de as diluir ou distorcer, para que se ajustem à uniformidade reinante. É, como afirmam alguns, o mesmo que regar no deserto. É nestes contextos que faz sentido lançar inovações disruptivas que nasçam discretamente nas margens do sistema e o transformem, gradualmente, da periferia para o centro.

Nas universidades, que, pelo seu secular conservadorismo, ilustram muita da complacência que Grove apontava, os modelos de aprendizagem online, nas variantes para grandes públicos, são promissores exemplos de inovações disruptivas: prestam-se a utilizações periféricas que não contendem com os sistemas vigentes; seguem percursos exploratórios, adaptados a realidades novas e complexas; questionam práticas instaladas, incitando à reflexão sobre como melhorá-las; e são incubadores, oferecendo espaços experimentais vivos para o ensaio de novas soluções. Prestam-se, por outro lado, à investigação de questões há muito em aberto, como as da mudança de escala na pedagogia e na avaliação, das dezenas para as centenas ou milhares de alunos. Por outro lado, articulam-se harmoniosamente com outros desafios prementes das universidades, como a renovação dos modelos do negócio e a profissionalização da internacionalização. Contribuem assim para uma agenda de inovação plena, num mundo onde, como apontava Grove, só os paranoicos sobrevivem.

\* Professor aposentado do Departamento de Engenharia Informática da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.



## tradição, a identidade de uma instituição

JOÃO LUÍS JESUS \*

A identidade de uma instituição é sempre constituída por múltiplos fatores, sendo que nem sempre é possível selecionar os mais relevantes, os que mais operam no presente momento. No caso da Universidade de Coimbra (UC) em concreto, procurar relevar determinados fatores em detrimento de outros é uma tarefa tão ambiciosa quanto ingrata, já que estamos perante uma instituição de sucesso, onde passado e futuro caminham lado a lado. Se por um lado, a sua excelência científica é um facto constante ao longo dos séculos, por outro também a sua história e as tradições que a compõem lhe conferem grande prestígio. Todo o cerimonial existente nos atos solenes da UC torna estas celebrações únicas e inesquecíveis para quem por eles passa. O colorido de uma cerimónia de Doutoramento ou de uma Abertura Solene são de uma beleza e emotividade única e inigualável. Em simultâneo, existe uma dinâmica tradicional entre os estudantes da Universidade que, de uma forma espontânea, criaram hábitos que perduram há séculos e se confundem com a própria instituição e mesmo com a cidade. A praxe, a canção de Coimbra, as festividades cíclicas no início e no fim do ano letivo, a forma de vestir dos estudantes, o associativismo estudantil, todos estes são fatores que, ao longo dos mais de sete séculos da UC, foram moldando gerações de estudantes, a Universidade e a própria cidade de Coimbra.

Tendo em conta a realidade atual, uma sociedade sófrega de inovação científica e organização, que sentido fará continuar a assistir a todas estas manifestações do passado? Qual o sentido de se continuar a fazer um cortejo de docentes na Via Latina nas cerimónias solenes da Universidade? Qual a justificação para que a grande maioria dos estudantes usem regularmente o traje tradicional, a Capa e Batina? Não tenho qualquer dúvida que muitos defenderão que seria mais produtivo a universidade executar apenas as missões que lhe são exigidas socialmente: ensinar, inovar e criar conhecimento. Mas, a universidade é um universo criado e mantido por pessoas que se destina a pessoas. Neste sentido, entendo que o pragmatismo e a lógica pura, quando estamos a falar de pessoas, tem alguns limites. O ser humano necessita de referências e de se sentir socialmente integrado. Na nossa universidade, todas as tradições que lhe estão associadas desenvolvem-se e atuam como fatores identitários e integradores no seio universitário, a todos os que escolhem fazer desta a sua escola de aprendizagem e conhecimento.

Na altura de escolher a instituição de ensino superior, muitos são os fatores tidos em conta. No entanto, apesar de serem os atuais constrangimentos economicistas que mais influenciam na hora de escolher, ainda são o prestígio e identidade de uma instituição que podem fazer

a diferença. Neste campo, a UC é uma referência. A sua história e tradições são um fator de desempate.

Esta apologia da tradição, contudo, tem o seu reverso. Ficar demasiado agarrado a esta característica pode ser contraproducente, pois permanecer debaixo deste *chapéu* pode criar acomodação e resistência à mudança. Este estagnar pode expressar-se de diversas formas, todas elas indesejáveis: métodos pedagógicos ultrapassados, apego a uma falsa segurança profissional, *status quo* inatacável, desmotivação na aprendizagem, banalização e desconsideração do passado. É necessário que a instituição não se conforme com o que alcançou até ao presente, nem se esconda no passado.

A UC, ao longo dos seus sete séculos de história, sempre soube adaptar-se às realidades envolventes. Apresentou-se na linha da frente na procura de soluções, sem nunca ter descurado as suas tradições, que manteve de uma forma integrada, complementar e indissociável da instituição. A prova deste facto é o reconhecimento da UC e das tradições a si inerentes, consideradas património material e imaterial da humanidade pela UNESCO.

Os estudantes souberam, desde sempre, fazer sua a instituição que os acolheu. Esta cumplicidade entre os alunos e a UC é única e espelha indubitavelmente uma das, senão mesmo a maior, diferença entre esta Universidade e outras instituições similares. Coimbra serviu de referência a tantas outras instituições na construção das suas tradições, a nível estudantil e institucional, que seria injusto não mencionar a excelência com que sempre o fez.

Assim sendo, a tradição não pode, nem deve, ser vista como um boicote à inovação, mas antes como um leque de linhas orientadoras para que a evolução seja feita de forma constante e saudável. Partindo da premissa de que devemos inovar sem contrariar as bases que moldam a instituição, o futuro passará sem dúvida pela manutenção da tradição secular em paralelo com a inovação, apta para responder às necessidades de uma sociedade em ciclos de mudança constantes, nunca perdendo de vista o conhecimento e experiência dos seus membros. A evolução deve ser uma atualização constante do presente, nunca perdendo de vista os caminhos que escolhemos e que nos permitiram alcançar um prestígio. Mais do que espelhado em todos aqueles que em nome UC alcançaram grandes metas, está presente na memória de todos aqueles que por aqui passaram e encontraram nesta instituição uma fonte de conhecimento académico e cívico, indicando-lhes o caminho a seguir.

\* *Dux Veteranorum* da Universidade de Coimbra



# TEMPO DE ENCONTRO(S)

## UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1 MARÇO A 4 DEZEMBRO 2015

CONHEÇA TODA A PROGRAMAÇÃO EM  
[WWW.UC.PT/725](http://WWW.UC.PT/725)

anos

UNIVERSIDADE DE



2015

Uma semana para descobrir a  
Universidade de Coimbra  
para estudantes do ensino secundário.

19 a 24 de julho

Inscrições de 13 de abril a 14 de junho em

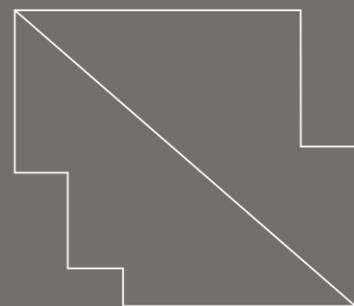
[www.uc.pt/uv](http://www.uc.pt/uv)

São 21 áreas do saber à escolha, além de  
várias atividades desportivas e culturais,  
com a possibilidade de interagir com  
professores e estudantes da UC.

Arquitetura  
Ciências do Espaço  
Ciências da Vida  
Design & Multimédia  
Desporto  
Direito e Administração Público-privada  
Economia  
Engenharia Civil e Ambiente  
Engenharia Eletrotécnica e de Computadores  
Engenharia Informática  
Engenharia Mecânica  
Engenharia Química  
Farmácia  
Física  
Gestão  
Letras  
Matemática  
Medicina  
Psicologia, Educação e Serviço Social  
Química  
Relações Internacionais

CONHEÇA TODA A PROGRAMAÇÃO EM  
[WWW.UC.PT/725](http://WWW.UC.PT/725)





**VEIGALOPES**

[www.veigalopes.pt](http://www.veigalopes.pt)

ALVARÁ n.º 21316

A N C I E N T  
K N O W L E D  
G E A N D  
T H E M O S  
T R E C E N  
T T E C H N  
O L O G Y

empresa  
**diáriodoporto**  
Artes Gráficas

Sodicentro Coimbra, um concessionário  
único para clientes únicos.



Grupo Auto Industrial - Sodicentro Coimbra  
Rua Dr. Manuel Almeida e Sousa, 297 - 3025-045 - Coimbra  
Tel. 239 497 450 - E-mail: [geral.coimbra@sodicentro.pt](mailto:geral.coimbra@sodicentro.pt)  
[www.sodicentro.pt](http://www.sodicentro.pt)

# CÉLULAS ESTAMINAIS. AINDA HÁ MUITO POR DESCOBRIR, MAS JÁ SABEMOS QUE RESULTAM.

É verdade. As células estaminais do cordão umbilical são hoje utilizadas no tratamento de diversas doenças e a Crioestaminal orgulha-se de ser o banco familiar que mais contribuiu para o tratamento de crianças em Portugal. Mas, ao fim de 10 anos de investigação, sabemos que há ainda muito por descobrir e é por isso que investimos 2 milhões de euros na investigação de aplicações clínicas inovadoras com células estaminais e na expansão do nosso laboratório, transformando-o assim no segundo maior banco de criopreservação da Europa. Sabemos que só investigando mais e melhor podemos contribuir para aumentar o número de doenças que as células estaminais podem tratar. É por acreditarem nisto que mais de 60 mil famílias já nos confiaram as células estaminais dos seus filhos. É na ciência que acreditamos e é da ciência que nasce a confiança.

Saiba mais em [www.crioestaminal.pt](http://www.crioestaminal.pt)



 **crioestaminal**  
Ciência para a vida

## RUA LARGA

REVISTA DA REITORIA DA  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
NÚMERO 42  
MARÇO 2015

A Rua Larga está aberta ao trânsito das ideias que circulam na Universidade de Coimbra (UC) desde junho de 2003.

O nome foi tomado de empréstimo à via que actualmente assegura a ligação do Largo D. Dinis à emblemática Porta Férrea.

Rua que, antes da construção da cidade universitária como hoje a conhecemos, era já uma das mais importantes da Alta.

Hoje, a Rua Larga é uma ponte entre passado e futuro, feita de pedra e ar, desenhada por Gonçalo Byrne.

A Rua Larga, revista, é esse espaço ao mesmo tempo simbólico e efetivo por onde passa o que se vai passando na Universidade.

Assine a Rua Larga e permaneça em contacto com a UC.

ASSINATURA ANUAL DA REVISTA RUA LARGA (3 números)\*: 15€  
Avulso (cada número): 7€ • Números Anteriores: 9€

Assinaturas em [www.uc.pt/rualarga](http://www.uc.pt/rualarga)

Mais informação [rualarga@uc.pt](mailto:rualarga@uc.pt)

Consultar números antigos [www.uc.pt/rualarga](http://www.uc.pt/rualarga)

Os preços incluem IVA e portes de correio nacionais.

\* A assinatura pode ter lugar em qualquer altura do ano, passando a anuidade a contar a partir desse momento, independentemente do ano civil.